

CAMILO CASTELO BRANCO

O ASSASSINO DE MACÁRIO

- TEATRO -



O ASSASSINO DE MACÁRIO

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

PERSONAGENS

BARNABÉ.

LIBÓRIO.

ETELVINA.

SEBASTIANA.

A cena é no Porto.

ACTO PRIMEIRO

Sala elegante. Porta ao fundo. Portas laterais no segundo plano. Janela à esquerda, no terceiro plano. Piano encostado à parede direita, no primeiro plano. Canapé à esquerda. Dois contadores pequenos à esquerda e direita. Sofás, cadeiras, e tamborete de piano. Sobre o contador da esquerda utensílios de barbear e espelho. No outro um relógio.

CENA I

Barnabé, (só)

(Entra pela esquerda, trajado da manhã, traz na mão uma chocolateira e toalha. Chama:)

Sebastiana!... Isto é que foi dormir alarvemente! (Olhando para o relógio)

Já dez horas... e eu sem fazer a barba! (chamando)

Sebastiana! Esta criada é uma calaceira!... Não há doutras... Tive um sonho... Isto de sonhos é uma tolice... Sonhei que estava pescando à cana... numa casinha campestre, com transparentes verdes... e um repuxo!... Ah! O meu sonho de ouro!... Logo que eu casar a filha... Um repuxo... (chamando)

Sebastiana! Com efeito! (Vai à porta do fundo)

Sebastiana! Sebas...

CENA II

Sebastiana e Barnabé

BARNABÉ (entrando pelo fundo)

Aqui estou, senhor!

BARNABÉ

Não me tinhas ouvido?

BARNABÉ

Perfeitamente. O senhor chamou-me quatro vezes.

BARNABÉ

Então porque não vieste logo?

BARNABÉ

Estava a almoçar. Acho que o senhor não pretende que os criados não comam.

BARNABÉ

Não...

BARNABÉ

Além disso, eu sei que o senhor é pachorrento, um paz de alma...

BARNABÉ

Abusas um pouco do meu temperamento.

BARNABÉ

Está enganado... eu pelo senhor era capaz de me atirar ao lume...

BARNABÉ

Pois bem, vai atirar ao lume esta chocolateira... Quero barbear-me. (Dá-lha)

BARNABÉ

Dentro de 15 minutos aqui estou. (Vai sair).

BARNABÉ (chamando)

Olha, Sebastiana...

BARNABÉ (tornando)

Não me mande fazer duas coisas ao mesmo tempo que me atrapalha, ouviu?

BARNABÉ (á parte)

É uma criada como se quer! Boa bisca... (alto)

Olha lá... Noto que vai na casa um sossego extraordinário! Minha filha estará doente?

BARNABÉ

Não senhor; saiu de manhã cedo.

BARNABÉ

Ah! É isso? (Senta-se no canapé).

BARNABÉ

E, na verdade, a menina faz um estardalhaço! credo!... E é de pasmar como o Sr., tão manso, tão sossegado, fez uma filha tão...

BARNABÉ

Tão estapafúrdia, podes dizer...

BARNABÉ

É isso, estapafúrdia... é uma trovoadra... Credo!

BARNABÉ

Tu que queres?... A natureza tem desconcertos... Olha, Sebastiana, eu nem sempre vivi dos meus rendimentos.

BARNABÉ

Pois sim, sim...

BARNABÉ

Tive uma fábrica de ligas em Fradelos.

BARNABÉ

De ligas? Ora vejam...

BARNABÉ

Fazia pouco negócio... Resolvi ir para o México, porque num país, num país quente, bem percebes, mostra-se mais a barriga das pernas... Fundei o meu estabelecimento no México, e granjeei logo toda a

freguesia das boas pernas do país... com saias curtas.

BARNABÉ

Olha que pechincha!...

BARNABÉ

Vais ver... um par das tais pernas... duas bruxas fizeram-me uma impressão profunda... Todas as profissões têm os seus perigos... Esposei...

BARNABÉ

As tais bruxas?

BARNABÉ

Sim... Ela chamava-se Dolores. Sete meses depois, tinha uma filha...

BARNABÉ

Sete meses só? Ora essa!...

BARNABÉ

No México a vegetação cresce muito depressa, é o que é; e isso mesmo te explica o génio impaciente da

minha Etelvina... Ela não quis esperar que se completassem os nove meses... saiu...

BARNABÉ

Não admira, não...

BARNABÉ

E aqui tens tu, Sebastiana, como eu, um português de lei, sou pai de uma mexicana...

BARNABÉ

Agora é que eu percebo a diferença dos dois génios.

BARNABÉ

O céu do México! Os costumes desse clima de fogo! Minha filha tem nas veias o meu sangue; mas... mais quente... ferve-lhe mais... em fim, tem uma temperatura mais alta...

BARNABÉ

Acho que sim... entendo.

BARNABÉ

Há de haver um ano que passei o negócio e vim para a pátria... Estava rico... primeira felicidade; estava

viúvo, segunda feli... Enfim, como não nos dávamos bem... segunda felicidade, está dito.

BARNABÉ

Então não se davam bem...

BARNABÉ

Quero dizer... a senhora Barnabé... era muito fogosa... muito atiradiça... e chamava-me... maricas.

BARNABÉ

Credo!

BARNABÉ

Em fim ela tinha desculpa... Eu bem me conheço... Mesmo hoje, com a minha filha, sou uma lesma, um fracalhão... Aí está ela a querer casar com o valdevinos do Macário.

BARNABÉ

Mas não basta querer ela.

BARNABÉ

Assim é; mas ela quer à fina força e eu não quero; a final, quem há de vencer é ela, que é a forte, e casará!

São favas contadas. Era o mesmo com a minha mulher. Dizia-lhe eu «quero»; respondia-me ela «não quero», e eu... moita... nem palavra.

BARNABÉ

Então estavam sempre de harmonia?

BARNABÉ

Está claro. (Rumor fora)

BARNABÉ (indo à janela)

Que será isto?

BARNABÉ

Algum choque do americano com o Ripert.

BARNABÉ

Nada, parece desordem... Tanta gente em frente da porta...

BARNABÉ

Da nossa?

BARNABÉ

Sim, Sr. Quer que eu vá saber o que é?

BARNABÉ

Não... que me importa a mim?... Olha se me aqueces a água... anda.

CENA III

Os mesmos e Etelvina (Abre-se com estrondo a porta do fundo. Etelvina entra afogueada e passeia muito colérica.)

BARNABÉ

Olá!... és tu?

ETELVINA

Sim, sou eu. Bom dia.

BARNABÉ

Tu que tens?

ETELVINA

Estou furiosa! (Passa para a direita.)

BARNABÉ

Donde vens?

EVELVINA

De pregar uma bofetada num sujeito.

BARNABÉ

Fizeste isso?

EVELVINA

Num atrevido...

BARNABÉ

Talvez imaginasses...

EVELVINA

Qual imaginasse! um grosseirão que ousou dizer-me cara a cara: «a menina é encantadora.»

BARNABÉ

E bateste-lhe por isso? Que farias tu se ele te chamasse estafermo?

EVELVINA

O seu sangue frio, meu pai, quando sou insultada! Castiguei-o, e espero que a cena se não repita.

BARNABÉ

De te chamar encantadora?... Também me parece que o homem deve ter modificado a sua opinião ao teu respeito... (A Sebastiana)

Que fazes tu aí? a minha água quente?

BARNABÉ

Lá vou já, Sr. Barnabé. (Á parte)

Muito atolambada é esta menina! (Sai pelo fundo).

CENA IV

Barnabé, Etelvina, e depois Sebastiana

ETELVINA (depondo o chapéu e o xaile, vai sentar-se ao piano e canta)

Trai la ri, trai la ri, trai la ró.

BARNABÉ

Isso é um bota a baixo! Agora é o piano que leva a sua conta...

ETELVINA (Cantando)

«Na primavera da vida

Ambos e dois muito amigos

Suspiravam por um ninho,

Por um ninho entre os trigos.»

BARNABÉ

Que é isso que tu cantas?

ETELVINA

Uma cançoneta moderna, que se chama: Um ninho entre os trigos. (Canta):

E de braço dado juntos

Ao repontar da manhã

Iam fazer o seu ninho

Nos trigos de Campanhã.

BARNABÉ

É mais natural que fosse nas árvores... Os pássaros em geral preferem...

ETELVINA

Mas não se trata de pássaros. (Canta):

E depois ele cantava

Pousado nos ramos novos,

E ela aquecia, cantando

No seu ninho os caros ovos.

BARNABÉ

Ah! então não é de pássaros que se trata? Lá me parecia que dois pássaros de braço dado por Campanhã...

ETELVINA

É uma menina e um rapaz.

BARNABÉ (pegando na cançoneta com arremesso).

Basta! Deixa ver. (Lê alto as três quadras que ela cantou). E chama a isto um ninho o tratante do cançoneiro! Quem diabo fez esta coisa?

ETELVINA

Foi um poeta inspirado. Dê-me cá a música, ande!

BARNABÉ

Empresto-ta para a estudares, de tarde, quando eu estiver a dormir a sesta... (Á parte). Mandem lá ensinar piano ás raparigas numa terra em que os poetas inspirados dizem ás meninas que se fazem ninhos nos trigos de Campanhã!... e que se aquecem os ovos... O Porto está pior que o México a respeito de ovos e de ninhos...

BARNABÉ (entrando pelo fundo). Ainda havia água quente. Ela aqui está (Dá-lhe a chocolateira).

BARNABÉ

Bem, vou para o meu quarto (Mudando de ideia). Mas, se estiveres quieta... Um pai pode escanhoar-se na presença da filha (Arranja os utensílios, e remexe o pincel na vasilha do sabonete).

E TELVINA (a Sebastiana)

Veio carta para mim?... de Braga?

BARNABÉ

Não, minha senhora, o carteiro passou há muito. (Sai pela porta do fundo)

E TELVINA (consigo mesma)

É espantoso! Há três dias que Macário foi para Braga, e nada de notícias! Se eu não tivesse inteira confiança no seu amor... Talvez uma catástrofe! Acontecem tantas desgraças nos caminhos de ferro!...
(Vai agitadamente para o pai que lhe voltou as costas e se está barbeando)

Meu pai! (com intimativa)

BARNABÉ

Que é? Cuidado, que por pouco me não cortei... Que temos?

E TELVINA

Acha isto natural?

BARNABÉ

Natural, o quê?

E TELVINA

Três dias de ausência sem me escrever?

BARNABÉ

Ah! sim, o Macário? (Á parte)

Bem me importa a mim isso... (alto)

Se ele foi buscar os papéis a Braga, é preciso dar-lhe tempo. (Torna a escanhoar-se)

E TELVINA (passeando)

Dar-lhe tempo, dar-lhe tempo! Eu não exijo que ele volte; mas que me escreva; não se está assim três dias... a fazer o quê?... que dificuldades encontrou?

BARNABÉ

Não andes assim nesse passo que me incomodas. Fazes tremer o sobrado.

E TELVINA

O pai não sabe o que é amor!

BARNABÉ

Soube-o primeiro que tu, e dou-te a minha palavra que depois que a gente sabe o que isso é, e pensa a sangue frio... não vale um caracol o amor... Tu o saberás...

ETELVINA

Há três meses que conheço Macário, e a toda a hora maldigo as formalidades portuguesas, e pergunto de que servem para a gente se casar, papeis, banhos, tabelião, padre, sacristão...

BARNABÉ

Há pessoas que dispensam tudo isso... mas (com energia)

fazem mal... fazem muito mal... Sem tabelião, e banhos, e padre e sacristão não há honra.

ETELVINA

Finalmente, logo que Macário chegar com os papéis, não haverá impedimentos...

BARNABÉ

Isso lá de impedimentos... veremos.

ETELVINA (derrubando uma cadeira, e indo direita ao pai)

Haverá alguns? diga...

BARNABÉ (cortando-se)

Cá está um... vês tu?

EVELVINA

Um impedimento?

BARNABÉ

Um golpe de navalha... estou acutilado!

EVELVINA (estancando-lhe o sangue com o lenço)

Deixe ver... Isto não é nada.

BARNABÉ

Arde-me... e bastante...

EVELVINA

Vai passar.

BARNABÉ

Fala-me, se queres, mas lá de longe... Eu só de longe é que ouço bem.

ETELVINA (afastando-se e levantando a cadeira)

Faço-lhe a vontade; mas o pai falou de um impedimento... desejo conhecê-lo.

BARNABÉ

É o meu consentimento.

ETELVINA

O seu consentimento?

BARNABÉ

Está claro; tu não podes casar sem eu consentir... A lei é positiva.

ETELVINA

Que arrelia! Isso quer dizer que, se o pai não ama Macário, também eu não posso amá-lo...

BARNABÉ

Lá tu amá-lo podes... mas não basta...

E TELVINA

Não posso casar com ele, se o pai o não amar?...

BARNABÉ

Não.

E TELVINA

As leis portuguesas dizem isso? Existem absurdos tais num povo livre?

BARNABÉ (limpando a navalha e pondo-a sobre o contador)

Tal e qual, minha filha. Ora agora, quanto a Macário...

E TELVINA (passando para a esquerda)

Meu pai, eu amo Macário!

BARNABÉ

Ele não tem cheta.

E'ETELVINA

Amo Macário!

BARNABÉ

Passa a vida nos bilhares e nas cervejarias.

E'ETELVINA

Mas eu amo-o.

BARNABÉ

Serás desgraçada com ele.

E'ETELVINA

Acabemos com isto. Amo Macário!

BARNABÉ

«Amo Macário, amo Macário!» Estás-me cantando o 1.º acto da Favorita. «Eu o amo, eu o amo!»

E TELVINA

Dá ou não dá o consentimento?

BARNABÉ

Não.

E TELVINA

Não? (Pega da navalha)

O pai é implacável, hein?

BARNABÉ

Que é o que ela tem na mão? Ceus! a minha navalha!

E TELVINA (caminhando e brandindo a navalha e o pai a seguiu-la)

Trato de me evadir às leis infames deste país. Suicido-me.

BARNABÉ

Larga a navalha.

EVELVINA

Ultima vez: consente?

BARNABÉ

Consinto: casa com ele.

EVELVINA (largando a navalha e abraçando-o)

Obrigada, meu pai, obrigada!

BARNABÉ

Agora, asfixias-me... (Passa para a direita, levanta a navalha e coloca-a sobre o contador)

Cruzes!

EVELVINA

Mas o silêncio dele assusta-me, meu pai! Três dias sem notícias! Vou escrever a Macário; e, se me não responder, amanhã parto para Braga. Se lhe tivesse acontecido algum revés! (A Sebastiana, que entra pelo fundo)

Sebastiana, não estou em casa para ninguém, absolutamente para ninguém (Entra pela direita)

BARNABÉ

Sou o pai desta pombinha... É um anjo... Se eu me vejo livre desta ardente criatura do México...
Sebastiana, dá-me o casaco e o chapéu.

BARNABÉ

Sim, senhor. (Sai pela esquerda)

BARNABÉ (só)

Deixá-la casar com o Macário! O que eu quero, sobre tudo, é paz e sossego... O casamento favorece os meus projetos... Falaram-me de uma quinta que se vende em S. Mamede de Infesta. O dono mora perto daqui; vou tratar com ele; e, se não for muito cara, o meu sonho desta noite realiza-se... O repuxo! Ah! o repuxo!

BARNABÉ (entrando com o casaco e o chapéu)

Aqui estão as coisas.

BARNABÉ (despindo o rob-de-chambre)

Obrigado... Ajuda-me... (Vestindo-se)

Irei viver sozinho em paz e sossego.

BARNABÉ

O senhor vem jantar?

BARNABÉ

Sim, mas há de ser tarde. (Sai pelo fundo repetindo)

Em paz e sossego...

BARNABÉ (só)

Muito bom sujeito! (arruma); mas a filha... Ah! tenho pena do tal Macário, se casar com ela! Credo! se eu fosse homem, e topasse uma criatura assim... ó senhores!... Enfim, isto de homens gostam assim das mulheres que puxem por eles... Mas esta ida a Braga... Quem sabe se o tal Macário... an, an... (Toque fora)

Quem sabe se é ele? (Libório entra pelo fundo)

CENA VI

Sebastiana e Libório

BARNABÉ

Ai! não é ele!

LIBÓRIO

Não é ele: sou eu.

BARNABÉ

O senhor que quer?

LIBÓRIO

A Sr.^a D. Etelvina Barnabé, uma mexicana de raça portuguesa...

BARNABÉ

É aqui; mas...

LIBÓRIO

Ela saiu? É o que eu quero. (Assenta-se, e apresenta um aspeto risonho)

Vou-me ensaiar.

BARNABÉ

Mas a senhora está em casa.

LIBÓRIO (erguendo-se de ímpeto, e tornando-se grave)

Recolho o meu sorriso; nesse caso vai dizer a tua ama...

BARNABÉ

A senhora está a escrever, e proibiu-me de a interromper.

LIBÓRIO (tornando-se a sentar risonho)

Muito bem... vou-me ensaiar.

BARNABÉ (á parte)

A falar a verdade, a menina é tão esquisita que, se eu a não aviso, é capaz de se escamar. (alto)

O senhor como se chama?

LIBÓRIO

Como me chamo?

BARNABÉ

Sim... vou avisar a senhora. Quem direi que a procura?

LIBÓRIO

Anuncia-lhe... um desgraçado! (passa para a esquerda).

BARNABÉ

Um desgraçado?!

LIBÓRIO

Não... (á parte)

Seria parlapatice de mais...

BARNABÉ

Então que decide?

LIBÓRIO

A tua ama é nervosa?

BARNABÉ

O senhor que diz? olha que pergunta!

LIBÓRIO

Deve ser nervosa... Olha bem para mim... Vês esta cara melancólica? vês? pois vai dizer à menina Etelvina que está aqui um sujeito com cara de quem chorou...

BARNABÉ

Como? o senhor quer que eu diga...

LIBÓRIO

Não, outra coisa... espera...

BARNABÉ

O senhor não pense que eu vou agora incomodar a menina para lhe fazer o seu retrato.

LIBÓRIO

Tens razão; não a incomodes... Esperarei... convêm-me esperar...

BARNABÉ (á parte)

Tem grande telha o homem!

LIBÓRIO

Como te chamas?

BARNABÉ

Para que o quer saber?

LIBÓRIO

Para quê? É para não estar a chamar-te criada; mas, tens razão... Que me importa a mim? Eu queria chamar-te Mariquinhas ou Teresinha... Que lindos olhos tu tens, e que cinta!... (Cinge-a pela cintura).

BARNABÉ

Está bonita a chalaça!... foi para isto que veio cá?

LIBÓRIO

Não. Tu me impões o cumprimento de um dever. Obrigado, rapariga, obrigado!

BARNABÉ (á parte)

Ele é doido; mas aparelha bem com a minha ama... Cá se avenham, que eu vou para a cozinha. (Sai pelo fundo, levando o rob-de-chambre de Barnabé, e os utensílios de barbear.)

CENA VII

Libório

(só, arrumando à esquerda o chapéu e a bengala)

Eis-me a braços, com a minha missão!... Aquele diabo do Macário!... Acabou-se... Não há remédio... Ontem à noite, entrei no café Lisbonense, e estava lá o Macário a apostar ao bilhar. Assim que me avistou, veio direito a mim, e disse-me: «Libório, és meu amigo?» Eu conhecia-o de ter estado com ele no colégio do Six, onde tínhamos rilhado de parceiros algumas raízes de latinidade. Respondi-lhe: «Sim, sou teu amigo para a vida e para a morte.» - «Para a morte? exclamou ele. É o que eu exijo da tua amizade. Se me amas, vais matar-me!» E em poucas palavras contou-me os seus amores com uma mexicana a quem prometera casamento. «Esta neta de Montezuma, disse ele, não pega como uma obreira - agarra-se à gente como cola forte: é um betume. Quer por força pregar comigo na igreja. Se eu não casar com ela, mata-me; e eu prefiro antes morrer às tuas mãos que às dela.» Falou-me então de uma fantástica saída para Braga, e encarregou-me da missão que venho cumprir... Confesso que não me encarregaria disto sem umas certas intenções... O retrato que ele me fez dessa Etelvina realiza os meus ideais. Uma rapariga selvagem é ave rara no Porto!... Uma mulher que tem nas veias sangue dos Incas!... alto lá com ela! Está no meu gosto. Resolvi, por tanto, relacionar-me com a pequena; e, se me agradar, tratarei de lhe dar algum alívio, e passo a empreender a conquista do México. (Olha para o lado direito)

Abre-se uma porta... é talvez a pequena... Agora é que são elas... Firme!...

CENA VIII

Libório, Etelvina (entrando pela direita)

ETELVINA (com uma carta na mão)

Está feita a carta... já pro correio... (avistando Libório)

Um homem!...

LIBÓRIO (cumprimentando)

Minha senhora... (á parte)

Fatia!... rica natureza!

ETELVINA

O senhor quem procura?

LIBÓRIO

A Sr.^a D. Etelvina Barnabé.

ETELVINA

Sou eu.

LIBÓRIO (sorrindo)

Minha senhora... (á parte)

trabalha-se bem no México... (alto)

Venho encarregado de lhe transmitir uma importante notícia...

ETELVINA

Noticia?

LIBÓRIO (á parte)

Circunspeção...

ETELVINA

Queira dizer (apontando-lhe uma cadeira e sentando-se)

LIBÓRIO (pegando de uma cadeira do fundo à esquerda e sentando-se)

(á parte)

Estou atrapalhado... (alto)

Minha senhora, acabo de chegar de Braga.

ETELVINA (erguendo-se, e ele também)

De Braga?

LIBÓRIO (passando para a direita)

(á parte)

Parece que o cavaco tem de ser de pé. (Alto)... Venho de Braga, onde estive com Macário...

ETELVINA

O senhor é amigo dele?

LIBÓRIO

Sim... isto é... sim... oh! certamente... amigo íntimo...

ETELVINA (com veemência)

Por que não está ele aqui ao pé de mim como prometeu e jurou? porque me não escreve? porque é?
diga-me o senhor porque é?

LIBÓRIO (á parte)

Que bonita ela é zangada!

ETELVINA

O senhor não responde?

LIBÓRIO

Responderei. (á parte)

Circunspeção! (alto)

Macário ficou em Braga... e encarregou-me de comunicar a V. Exa. as razões que o prendem lá.

ETELVINA

Mas acabe com isso... vamos direitos à questão... Nada de delongas...

LIBÓRIO (á parte)

Também não é feia na impaciência!... (alto)

Minha senhora, o imprevisto é o maquinista da existência... O acaso arranja uns cenários, umas tramoias que parecem de peça mágica...

ETELVINA

Que mais?

LIBÓRIO (á parte)

Não vamos logo ás do cabo. (alto)

Ah! minha senhora... ser jovem, belo, amado de uma mulher... isso não é razão para impedir que um mau destino... pelo contrário é pior...

ETELVINA

Ó senhor! por piedade! Acabe...

LIBÓRIO

Macário disse a V. Ex.^a, creio eu, que ia a Braga buscar uns papeis...

ETELVINA

E mentiu-me?

LIBÓRIO

Quanto ao fim da viagem, mentiu. Ninguém hoje vai a Braga senão por dois motivos.

ETELVINA

Quais?

LIBÓRIO

Ou se vai ao Bom Jesus ver os judeus e comer frigideiras, ou terçar no campo da honra dois floretes, desde que os duelos no Porto, por muito repetidos, têm a polícia numa constante vigilância.

ETELVINA

Um duelo!?

LIBÓRIO

Um conflito de honra...

ETELVINA

Ele foi bater-se? Ficou ferido?

LIBÓRIO

Minha senhora...

ETELVINA

Ligeiramente ferido, sim? quase nada? Oh! diga-me que não é nada!

LIBÓRIO

Minha senhora... Macário... ah!... não posso... Se V. Exa. soubesse...

ETELVINA

Ó céus!... que foi?...

LIBÓRIO (á parte)

Chegou o momento.

ETELVINA

Macário?...

LIBÓRIO

Macário...

ETELVINA

Morto! (Libório está um momento silencioso; depois, ampara a cabeça com as mãos).

ETELVINA (expedindo um enorme grito)

Ah!

LIBÓRIO

Minha senhora...

E TELVINA

Morto! assassinado... ele!... ah! (Roda sobre si mesma duas vezes e vai desmaiar no canapé).

LIBÓRIO

Hein! ela desmaia!... ora esta! Não a julgava capaz desta tolice! (vai junto dela)

Menina... Acho que chamo alguém... Mas que historietas se vão arranjar com este caso!... Menina, peço-lhe que recupere os sentidos... Se eu a despertasse... Mas é preciso mexer-lhe nos colchetes... Não, não me atrevo a fazer tanto... O coração bate-lhe... Estou mais sossegado... É gentil!... é mais que gentil, é formosa! Isto é bom a valer!... E aquele parvo do Macário a desdenhar... Ela está ganhando cores... já lhe tremem as azas do nariz... e pestaneja. Volta à vida... Se eu me safasse agora... (Vai a querer sair e retrocede)

Não: já agora fico, suceda o que suceder.

E TELVINA

Onde estou?

LIBÓRIO

Menina...

ETELVINA

Quem me fala? quem é o senhor? (encarando-o)

ah!

LIBÓRIO

Por quem é, sossegue!

ETELVINA

Esta voz... esta cruel voz...

LIBÓRIO

Que é?

ETELVINA

Recordo-me... Macário, o meu noivo, a minha alma... ah! ah! ah! (recai sobre o canapé e chora).

LIBÓRIO (á parte)

Palavra, que me mordem remorsos.... Se eu previsse... Acabou-se... Vou-lhe dizer tudo... (caminha para ela; mas reconsidera)

É demais atormentar assim esta mulher com mentiras... Diabo! como ela chora... (avizinha-se)

Minha senhora, então, então...

ETELVINA (erguendo-se energicamente, limpando as lágrimas, e passando para a direita)

Basta de fraqueza! Nada mais de choros! Um celerado matou Macário... e eu aqui a carpir-me em vez de o vingar! (Vai a Libório)

O senhor foi testemunha do duelo?

LIBÓRIO

Sem dúvida... isto é... sim... fui testemunha (com dor)

Fiz quanto podia; mas...

ETELVINA

Sabe qual foi a causa do duelo?

LIBÓRIO

A causa? ora, se sei... pois não sei?... (á parte)

Ó diabo!... (alto)

pois não hei de saber a causa? não sei eu outra coisa...

E TELVINA

Então diga lá qual foi?

LIBÓRIO

Uma questão de carambolas... A paixão do Macário... bem sabe... é o bilhar... Por causa de uma carambola...

E TELVINA

De uma carambola?

LIBÓRIO

Sim... o parceiro tinha descolado a bola.

E TELVINA

Está bem... não quero saber disso... Logo que o motivo não foi outra mulher, o resto não me importa.
Como se chama o adversário?

LIBÓRIO

O adversário?

ETELVINA

O nome dele?

LIBÓRIO

Então quer que eu lho diga...

ETELVINA

O nome do assassino. (Libório hesita)

Vamos!

LIBÓRIO

Ah! sim o nome do assa... Ora espere... Mas é que eu fui padrinho do Macário... e não conheço o outro...

ETELVINA

Ora essa! um padrinho deve conhecer os dois.

LIBÓRIO

Tem razão; é natural que mo dissessem; mas a comoção...

EVELVINA (á parte)

O homem está atrapalhadíssimo! (alto)

Mas o senhor quem é? como se chama?

LIBÓRIO

Libório, minha senhora, Arthur Libório; profissão, filho família que devora a legitima paterna; mas tenho muitos tios ricos...

EVELVINA

Pois então, senhor Libório, meu presado senhor Libório, diga-me o nome...

LIBÓRIO

De quem?

EVELVINA

Do assassino de Macário.

LIBÓRIO

Palavra de honra que não sei...

ETELVINA

O senhor mente!

LIBÓRIO

Ó minha senhora...

ETELVINA

Não é possível...

LIBÓRIO

Antes isso... que é menos indelicado...

ETELVINA

Está bom: eu saberei o nome. Onde foi que se bateram?

LIBÓRIO

Onde foi?

ETELVINA

Também não sabe?

LIBÓRIO

Não sei eu outra coisa! mas essas miudezas... (á parte)

ela embrulha-me!

ETELVINA (á parte)

Outra vez atrapalhado!

LIBÓRIO

Foi numa carvalheira... A Sr.^a D. Etelvina conhece Braga?

ETELVINA

Nada.

LIBÓRIO (á parte)

Ainda bem! (alto)

Braga tem a figura de um enorme bacalhau da Noruega, e tem 3 portas. Nós saímos pela estrada de Guimarães. Foi ao pé da Falperra. Carregando à mão direita topa-se uma azenha, depois sobe-se um pedaço de monte, toma-se para a esquerda, e entra-se numa mata virgem... Foi aí que se bateram.

E TELVINA

Não preciso mais nada. A que horas se sai para Braga?

LIBÓRIO

Há três comboios a escolher.

E TELVINA

Iremos no primeiro.

LIBÓRIO

Iremos?!

E TELVINA

Duvida acompanhar-me?

LIBÓRIO

Eu?

EVELINA

Ir mostrar-me a fatal mata virgem, e auxiliar-me nas minhas pesquisas até descobrir o assassino de Macário?

LIBÓRIO

Mas, minha senhora...

EVELINA

Não vai?

LIBÓRIO

Irei; mas...

EVELINA

Vou escrever ao meu pai, preparar a mala e vamos... (vai para a direita)

LIBÓRIO

Sozinhos?

E'ETELVINA

Com meu pai... Jura que me espera?

LIBÓRIO

Faça favor de refletir... A minha senhora...

E'ETELVINA

Jura?

LIBÓRIO

Sobre os manes de Macário! juro!

E'ETELVINA

Obrigada! venho já. Oh! sim! a Braga, no expresso! (sai velozmente pela direita).

LIBÓRIO (só, cobrindo-se)

'Toca a safar! É uma canalhice faltar ao juramento... mas basta de asneiras... Onde esta o meu chapéu? A rapariga é bonita, é adorável; mas leva-la a Braga e mais o pai, e continuar esta tramoia absurda... - onde poria eu o chapéu? - que eu vim representar no seio desta família (Põe a mão na cabeça)

Cá está o chapéu... Por aqui me esgueiro... (Vai a sair pelo fundo, e encontra Barnabé que entra).

CENA IX

Barnabé e Libório

BARNABÉ (vendo Libório)

Olha o Libório!... (á parte)

que veio aqui fazer este tipo?

LIBÓRIO

O meu parceiro do quino!...

BARNABÉ

O grande pandego por aqui?

LIBÓRIO (á parte)

E eu que ainda ontem estive a jogar com ele... Isto vai transtornar a patranha...

BARNABÉ

Então que feliz acaso o trouxe aqui a minha casa?

LIBÓRIO

A sua casa?... É célebre coisa! Eu não sabia que o amigo Barnabé era o pai da menina... Muito gosto em o conhecer...

BARNABÉ

Ainda me não explicou o mais importante.

LIBÓRIO

Acabo de ter o prazer de comunicar a sua filha uma tristíssima notícia...

BARNABÉ

Sim? então que foi?

LIBÓRIO (querendo sair)

Não... Já bastará... dispenso o bis... Ela cá lho contará...

BARNABÉ (sustendo-o)

Sr. Libório, eu sou pai... ouviu?

LIBÓRIO (á parte)

A pequena é encantadora, e não será mau sondar o pai... (alto)

O senhor conhece o Macário?

BARNABÉ

Muito... de mais.

LIBÓRIO

Vim anunciar-lhe que ele morreu.

BARNABÉ (com júbilo)

Que me diz?

LIBÓRIO (admirado)

Gosta?

BARNABÉ (reconsiderando-se)

Não... pobre rapaz... Sem dúvida, deploro esse caso palpitante! mas em fim (alegremente)

faz-me conta.

LIBÓRIO

Sim? Faz-lhe conta?

BARNABÉ

É o que eu lhe digo. Ele ia casar com a pequena... Consenti com muito custo. Não gostava do homem, eu; e persuado-me que a minha filha se daria mal com ele. Por tanto, como individuo, lamento-o; como pai, exulto.

LIBÓRIO (á parte)

Isto vai bem, vai bem... mas então é inútil que eu o convença de que... (alto)

Sr. Barnabé... (Leva-o para a esquerda)

Psiu... Macário está de perfeita saúde.

BARNABÉ

O Macário que morreu?

LIBÓRIO

Não é isso... não morreu...

BARNABÉ

Isso mau é!...

LIBÓRIO

Aí vai o enigma em duas palavras. Macário fez à sua filha juramentos que não quer cumprir, percebe?

BARNABÉ

Diga o resto.

LIBÓRIO

E para fugir à vingança, pediu-me que viesse dar parte da sua morte.

BARNABÉ

É um caso bonito e extraordinário, esse...

LIBÓRIO

Eu fiz um relatório em regra... um duelo em Braga, etc., etc., etc.

BARNABÉ

Ela havia de fazer aí o diabo!... Ela não lhe bateu, hein?

LIBÓRIO

Não; mas soluçou, desmaiou, escabujou... Oh! soberba criatura na sua angústia!

BARNABÉ

Está ali uma linda viúva, não acha?

LIBÓRIO

A final quer que eu vá com ela a Braga.

BARNABÉ

O senhor?

LIBÓRIO

Eu e mais o senhor. Quer que vamos os três.

BARNABÉ

Então desconfia da peta?

LIBÓRIO

Não, senhor. Quer ir vingar a morte do noivo.

BARNABÉ

Toma!

LIBÓRIO

E exige que eu lhe diga o nome do assassino; e como até esta data o único assassino de Macário sou eu...

CENA X

Os mesmos e Etelvina, que vinha entrando pela direita, e, ao ouvir a ultima frase, se esconde.

ETELVINA (á parte)

Que disse ele?

LIBÓRIO

Agora, já o meu amigo entende a minha atrapalhação...

ETELVINA (á parte)

A sua atrapalhação!...

BARNABÉ

Porque lhe não disse um nome qualquer?

LIBÓRIO

Não me ocorreu essa ideia...

ETELVINA (á parte)

Que mistério é este?

LIBÓRIO

Já vê em que entalas eu me acho... A cada instante, quase que me estendia... Que cólicas eu rapei! Eu não queria de modo algum que ela soubesse que...

ETELVINA (á parte)

Que horrores eu estou adivinhando!

BARNABÉ

Soubesse o quê?

LIBÓRIO

Jogo franco. Macário falou-me da sua filha nuns termos que espicaçaram a minha curiosidade...

BARNABÉ

Com efeito... espicaçaram-no os termos...

LIBÓRIO

Meu amigo, simpatizo com esta menina original...

E TELVINA (á parte)

Hein?

LIBÓRIO

É o que lhe digo... Amo as plantas exóticas... Gosto destes licores capitosos de fábrica estrangeira, e rejeito os xaropes amelaçados da fábrica nacional.

BARNABÉ

Em suma, o senhor gosta da minha filha...

LIBÓRIO

Deveras.

E TELVINA (á parte)

Ele ama-me!... que horror!

BARNABÉ

Querido Libório! (á parte)

Ele é rico... (alto)

O seu pedido faz-me muita honra... mas...

LIBÓRIO

Recusa?

BARNABÉ

Aceito. (Dão-se as mãos).

ETELVINA (á parte)

Que revelação!

BARNABÉ

Mas o essencial é conquistar a vontade dela... Uma feliz lembrança! vamos partir todos para Braga...

LIBÓRIO

Parece-lhe?...

BARNABÉ (gracejando)

O senhor não se arrisca a encontrar o assassino de Macário, pois não?

LIBÓRIO (rindo)

É muito provável que não...

BARNABÉ

Vocês viajam juntos; e em quanto finge que faz indagações, vai-lhe fazendo a corte.

LIBÓRIO

É isso, perfeitamente.

BARNABÉ

Eu vou também... bem me custa; mas em fim não há conveniências a guardar quando se trata do futuro de uma filha.

LIBÓRIO

Mil graças, Sr. Barnabé.

BARNABÉ

Venha comigo ao meu quarto, e ajuda-me a fazer a mala.

LIBÓRIO

Com muito prazer! Estou contentíssimo!

BARNABÉ

E então eu! Vi-me livre do Macário! Que bem fez o senhor em matar esse bigorriha! (Entram pela esquerda)

CENA XI

Etelvina

(só)

Ele! foi ele o assassino de Macário! e o meu pai sabia-o! e ambos eles querem que eu case!... Mas que país é este... este Portugal... este mundo onde o assassino cobiça a noiva da vítima! E pude conter-me! E não avancei para ele como uma leoa, como a pantera ferida! Oh! mas ele volta, e então... Não, não é com um golpe de punhal que ele morrer! Para crimes monstruosos é necessário vinganças excepcionais! Há de morrer não a golpes de punhal, mas a picadelas de alfinete! Ele ama-me!... ama-me!... quer esposar-me!... porque não? porque não? Pois não é justo que o seu nome e a sua honra me pertençam? (irónica)

Ah! com que jubilo eu não proferirei diante do sacerdote, o ditoso sim, a doce renúncia de mim toda! Nunca uma noiva apaixonada, mais ternamente, nunca uma solteirona de 35 anos terá proferido esse sim com maior exultação! Ah! parece-me que me estou vendo e ouvindo quando o padre me disser: «Recebe como esposo o Sr. Libório?» e eu com a coroa de virgem na cara e a raiva no coração e a injúria nos lábios e os olhos em terra, responderei «sim, sim, sim!» Ó meu Macário, conta com uma vingança desconhecida na Europa! uma vingança mexicana! Ah! lá da mansão celeste, tua derradeira morada, ver-me-ás com ufania!... Vem gente... é ele!... Cala-te, meu coração!... Sorride meus lábios! Silêncio, minhas saudades! É forçoso! é forçoso!... (Senta-se junto ao piano).

CENA XII

Libório, Barnabé, Etelvina

BARNABÉ (fora)

Confio-lha; mas não lhe dê grandes abalos. (Entra pela esquerda com Libório).

LIBÓRIO (com uma grande mala)

Pesa que tem diabo!

BARNABÉ

Pesa, pesa... Obrigado... Eu é que já não posso com isso.

LIBÓRIO (vendo Etelvina, baixo a Barnabé)

Cá está ela... Alerta!

BARNABÉ

Justo... Façamos caras dolorosas. (Avança e pára)

Cuidei que ela estava arranjando as malas...

LIBÓRIO (baixo)

Está a pensar nele...

BARNABÉ (aproximando-se em tom magoado)

Etelvina, Etel...

ETELVINA

Quem me chama?

BARNABÉ

Ninguém... isto é, sou eu, teu pai. (Aponta para Libório e faz com que ela o veja com a mala). Estamos prontos para partir...

ETELVINA (como se não entendesse)

Partir não entendo...

BARNABÉ

Não entendes? boa!... O Sr. Libório contou-me...

ETELVINA

Então já sabe?

BARNABÉ

Sim, sei. Que se lhe há de fazer? A Parca é inflexível!

E TELVINA

E o papá tem grande pena, não tem?

BARNABÉ

E que pena! aqui tens a prova... ali está a mala... Resigno-me a ir a Braga, auxiliar-te nas tuas indagações.

E TELVINA

Quais indagações?

BARNABÉ

Então nós não vamos procurar o assassino de...

E TELVINA (erguendo-se de golpe)

O assassino de Macário?... (Avança para Libório, que sustenta sempre a mala, e recua diante do olhar dela)

O senhor que tem? que tem o Sr. Libório?

LIBÓRIO

Eu?... nada...

ETELVINA

Pensei que estava atarantado...

LIBÓRIO

Um pouco, com esta mala...

ETELVINA (á parte)

O remorso estrangula-o!... (alto)

O senhor era amigo dele, não era? muito amigo dele, pois não?

BARNABÉ

Está bom, está bom... tem muito tempo de conversar na jornada...

ETELVINA

Qual jornada?

BARNABÉ

Pois nós não vamos a Braga?

ETELVINA

Fazer o quê?

BARNABÉ

Mas o Sr. Libório não me disse que tu...

ETELVINA

Ah! sim... no primeiro momento, queria... pensava mas mudei de tenção... Não vamos.

LIBÓRIO (deixando cair a mala)

Hein?

BARNABÉ

Boa vai ela!

ETELVINA

De que serve procurar esse feliz contendor... O duelo é um jogo de azar... e a minha vingança não se submete ao acaso... (Passa para a direita)

BARNABÉ

Apoiada! tens muita razão! isso é que é ter juízo! (A Libório)

Está aplacada!... Bravo!

LIBÓRIO (á parte)

É o arco da velha a anunciar trovoadas.

CENA XIII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo)

Está o almoço na mesa.

ETELVINA

Põe mais um talher.

BARNABÉ

Três talheres?

ETELVINA

Pois então, meu pai! não há nada mais natural... O Sr. Libório, que chegou de Braga, e que veio prestar-nos um serviço, não duvidará aceitar...

LIBÓRIO

Eu... mas... (á parte)

Bem disse eu que era o arco da velha... (alto)

com muito prazer.

E TELVINA

O seu braço, Sr. Libório. (Libório oferece-lho e sobem).

BARNABÉ (á parte)

Este será também um noivo?

BARNABÉ (á parte)

Que mudança ela fez!

E TELVINA (para o pai)

(Parando à porta do fundo)

Então, meu pai? Vem? está a pensar no Macário, ou no assassino de Macário? Vamos almoçar. (Saem).

BARNABÉ (pensativo)

Mau! mau! Bem dizia o Libório... O arco da velha vai dar muita chuva... (Segue-os).

FIM DO 1.º ACTO

ACTO SEGUNDO

Quarto de dormir. Ao fundo, um leito cujos cortinados, pendentes de um dossel, estão meio-cerrados. Um pouco aquém uma porta que abre para um gabinete de toilette. À direita, no primeiro plano, uma janela fechada com cortinas e store. No fundo, à direita do leito, a porta da entrada. À direita, no 3.º plano, uma porta de comunicação para o quarto de Etelvina. À direita, na frente, uma mesa. À esquerda uma jardineira sobre a qual está uma caixa de charutos, fósforos, e um barrete de veludo. Ao pé da jardineira, sobre uma cadeira, uma camisola. À direita, uma cadeira de estofa sobre a qual estão as calças de Libório. Ao pé uma bota e um chinelo. À cabeceira do leito, uma bispoteira. Cadeiras de estofa, quadros, etc. Uma lanterna de furta-fogo sobre a jardineira.

CENA I

Etelvina, (só)

Libório, (no leito meio oculto)

(Ao correr do pano, a cena está iluminada pela lanterna, deixando na penumbra o leito. Quando corre o pano, Etelvina, erguida ao fundo sobre uma cadeira, pendura uma das botas de Libório num painel; depois desce, pega da lanterna, examina a bota, e diz:)

Bem... está como se quer... de um belo efeito! Mas, se ele não visse... Ah! tenho aqui linha... (Põe a lanterna sobre a mesa, e sacando da algibeira um novelo de linha volta a subir à cadeira, prende a extremidade da linha à bota; e descendo, traça com o fio no tabuado uma linha que vai até à mesa sobre a qual põe o novelo; aí pega de um bocado de giz, senta-se e escreve sobre a mesa, falando em voz alta.)

«Seguir o fio». (Ergue-se, e vai ao pé do leito). Acordaria ele?... não. (Ouve-se rressonar ao fundo)

Ele rressona, o miserável rressona! Condenei-o a passar as oito primeiras noites de casado num a completa solidão, e ele rressona indiferente à minha ausência! Antes assim!... Hoje entramos na nova crise, a crise das pequenas misérias, as picadelas dos alfinetes antes das punhaladas... Vejamos se me lembrou tudo. (Senta-se à mesa, e lê num a carteira à luz da lanterna). «Despregar por três lados os cortinados do leito para que lhe caiam sobre o nariz.» Isso está feito e bem me custou...(Lendo:)

«Furar os charutos». Já furei. «Polvilhar de pimenta o bonet.» Já tem. «Coser os lenços ás algibeiras». Estão cosidos. «Esconder um dos chinelos e uma das botas; adiantar a pendula e atrasar o relógio; deixar-lhe só um tostão no porte-monaie, e cortar os elásticos dos suspensórios». Está tudo feito. (Lendo:)

Acorda-lo de sobressalto para lhe causar um grande estonteamento». É o que se vai fazer. (Ergue-se e dirige-se com a lanterna para a porta da direita). Ah! Libório, assassino de Macário, o céu é justo, e a

hora da vingança soou! (Proferindo esta frase, tira da algibeira uma pistola; dita a ultima palavra, dá um tiro e sai fechando sobre si a porta. Completa escuridão.)

CENA II

Libório

(só)

Ui! isto que foi? Que é isto? (Espreita por entre as cortinas). Entre quem é! Quem está aí? Não é ninguém... quem foi que me acordou? Parece que ouvi um tiro ou um espirro enorme, não sei bem o que foi... Estaria eu a sonhar? Ninguém aqui vem espirrar de noite no meu quarto, e mais sou casado, casado há oito dias! Tudo está em repouso, exceto a minha imaginação. Isto que horas serão? As cortinas estão fechadas... não se vê boia... escuro como um prego... Felizmente o meu relógio é de repetição (Toca na mola do relógio pendurado no espaldar do leito, e ouve 4 horas). Quatro horas! ainda quatro horas! Ah! as noites solitárias!... como são eternas! Vamos ver se se adormece... (Deita-se, a pendula dá horas, e ele conta-as em voz alta, erguendo a cabeça a cada nova pancada). Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez... Dez horas! Como dez horas! E o meu relógio que só dá quatro... (Assenta-se na cama)

E são ambos do mesmo relojoeiro! Mas, se já fossem dez horas, eu devia estar a pé. Principiemos por abrir os cortinados. (Puxa pelas cortinas que caem e o embrulham)

Que é isto, com dez raios de diabos... Larguem-me, larguem-me!... Larguem-me o quê?! Grande besta que eu sou! Ninguém me prende... são os cortinados que eu agarro... que me agarram a mim. (Ao desembaraçar-se das cortinas cai da cama ao chão)

Que trapalhada é esta! o dia principia mal... Vou correr as cortinas e os stores. Não gosto da escuridão. (Abre: é dia claro)

É dia claro! A pendula tinha razão. Toca a vestir depressa. (Pega das calças e vai vesti-las atrás do fauteuil; calça um chinelo e procura o outro)

Onde estará o outro sapato? Não me aparece senão este... Parece-me obra do diabo isto! Vou calçar as botas. (Depois de calçar uma)

Onde está a outra? Como é isto de achar só um chinelo e uma bota? Seria a Sebastiana? Ela ficou de me chamar às nove horas, e entraria sem eu dar fé... mas para que fim me levaria só uma bota? (Trata de cruzar um suspensório que quebra)

Irra! agora são os suspensórios! (Aperta o outro, enraivado)

Que inferno este! (Quebra o outro)

Lá vão ambos! (Atira-os ao chão)

A fivela estará direita? está... segura-se... Valha-nos isso. (Procurando)

O meu bonet? Está acolá... (cobre-se)

A camisola? está aqui... (veste-a). Agora, vou procurar... (suspende-se)

Mas se ainda é cedo... (espirra)

que raio de cheiro a pimenta! Se a Sebastiana tivesse vindo, acordava-me como eu lhe ordenei... Não serão ainda nove horas? Receio de ir acordar... Vou fumar um charuto. (Pega de um charuto e fosforo)

O fumar de manhã aclara-me as ideias. Santo Deus, como é incomodo passear com uma bota e um chinelo! (Assenta-se à esquerda do gueridon)

Em quanto Sebastiana não vem, recapitulemos os meus infortúnios fumando um delicioso havano... (espirra)

Que é o que cheira aqui tanto a pimenta? (Pretende acender o charuto)

Era meia noite. Etelvina pertencia-me ao cabo de três meses de cenas esquisitas; ela tinha proferido, de manhã, com uma voz enérgica o sim encantador que me dava sobre ela direitos senhoriais absolutos.

Dançava-se no salão amarelo, e havia uma hora que eu amaldiçoava os relógios (Não podendo acender o charuto atira-o ao fogão e vai buscar outro)

que me pareciam todos parados. Anunciara-se finalmente a última quadrilha, os dançantes começavam a cancanizar-se um pouquinho... (espirra)

Donde virá este cheiro a pimenta? Minha mulher dançava com o tabelião, e parecia muito emocionada... Eu atribuía a mim esta emoção que o tabelião não justificava de modo nenhum... Em fim, sôa a meia noite. (Ergue-se). Ouve-se um grito agudíssimo... Corro e exclamo... (Atira fora o segundo charuto)

Que é o que tem estes charutos? (Pega num terceiro)... e exclamo: Céus! minha mulher! Etelvina estava desmaiada. Tinha torcido um pé quando polcava com o tabelião; e eis-me aqui, à meia noite, a primeira das minhas núpcias, à procura de um endireita. Afinal, topo um; e pensado que à meia hora depois da meia noite, tinha direito a examinar o estorcegão do pé da minha esposa, entro com a faculdade algebrista até ao seu leito de dor. (Acende o terceiro charuto)

Baldada esperança! Nega-se-me obstinadamente este primeiro favor, e sou obrigado a esperar num quarto próximo, com o papá Barnabé, a saída do doutor que, depois de um quarto de hora de angustias, veio em fim declarar-nos que uma forte distensão dos ligamentos, uma contração terrível da articulação, reteriam minha mulher quinze dias de cama; e com efeito, depois... Tarrenego, diabo! este charuto está rôto! E os outros? (Examina a caixa)

Estão todos estripados! (espirra)

Com toda a certeza, tenho pimenta nas ventas! (Tira o bonet)

Ah! aqui está a pimenteira! É possível!... como é isto? Sebastiana mete a pimenta no meu bonet... (atira-o fora)

para o preservar do bicho... ser isso, mas ela é idiota!... (espirra)

Que é do meu lenço? Está cosido! Cozeram-me o lenço à algibeira, como aos rapazinhos de escola... Ah!

isto é um cúmulo! (Puxa por um cordão de campainha próximo à cheminé)

Não me importa acordar toda a gente! (sacode a campainha).

BARNABÉ (fora)

Lá vai, lá vai, senhor!

LIBÓRIO

Vamos a esclarecer isto tudo...

BARNABÉ (fora)

Que banzé é este?

LIBÓRIO

O sogro... sogro de mão cheia... (gesto irónico. Barnabé e Sebastiana entram pelo fundo).

CENA III

Sebastiana, Libório, Barnabé

BARNABÉ

O senhor está doente?

BARNABÉ

Será preciso chamar os bombeiros?

LIBÓRIO (a Sebastiana)

Vem cá... e responde.

BARNABÉ

Quem, eu?

BARNABÉ

Que tem o meu genro?

LIBÓRIO

Passados cinco minutos, tem-me ás suas ordens. (a Sebastiana)

Vem cá... Que horas são?

BARNABÉ

Então foi para saber que horas eram...

LIBÓRIO

Sr. Barnabé, não é consigo que eu falo. (a Sebastiana)

Quantas horas são?

BARNABÉ

Oito e meia, senhor.

LIBÓRIO

Por que é então que o meu relógio tem quatro e a pendula dá dez e meia?

BARNABÉ

Eu sei cá! pergunte-o ao relojoeiro.

BARNABÉ

Ela tem razão; o seu ofício não é esse. Ela de pendulas não percebe nada.

LIBÓRIO

Espera um pouco. (a Sebastiana)

Por que meteste pimenta no meu bonet?

BARNABÉ

Eu?! que meti eu?

BARNABÉ

Sim... isso lá da pimenta é com ela... Responde sobre a pimenta, rapariga!

LIBÓRIO

Por que furaste os meus charutos?

BARNABÉ

Eu furei os seus charutos!...

BARNABÉ

Ela furou os charutos?... Tu furaste... (a Sebastiana)

LIBÓRIO

Por que me coseste os lenços ás algibeiras?

BARNABÉ

Olha que espiga!

BARNABÉ

Pois tu coses os lenços?...

BARNABÉ

Isso é falso, senhor!...

LIBÓRIO (mostrando)

Estão cosidos ou não estão cosidos?

BARNABÉ

Eu cá não fui.

LIBÓRIO

E os cortinados do leito... e os chinelos que deviam estar aos pés da cama...

BARNABÉ

Nos seus pés, quer dizer o meu genro.

LIBÓRIO

Meu sogro, queira amordaçar o seu espirito que me está arreliando. (a Sebastiana)

Em fim, responde, explica-te.

BARNABÉ

Não percebo patavina.

BARNABÉ

E dois.

LIBÓRIO

Não percebem que se está aqui representando uma mágica de péssimo gosto... uma diabrura de autores anónimos...

BARNABÉ

Não está má essa! O senhor disfruta-nos!

BARNABÉ

É lá possível a diabrura! cruzes, canhoto!

LIBÓRIO

Desde esta manhã estou sendo uma almofada em que mão desconhecida espeta alfinetes... Notem isto...

Aqui está uma bota. Pergunto eu: onde está a outra? Aqui está um chinelo; e o outro onde está?

BARNABÉ (procurando)

Eu procuro... (Aproxima-se da mesa e vendo o que está escrito)

Esperem lá!... (Lendo)

«Seguir o fio.»

LIBÓRIO (aproximando-se)

Seguir o fio?!

BARNABÉ (o mesmo)

Então sigamos o fio. (Seguem os três o fio da linha. Sebastiana à frente vai enovelando o fio. Barnabé atrás)

Onde vai isto parar? (Vão indo até chegar à parede)

A linha aqui, trepa! (Levantam as cabeças).

BARNABÉ (vendo a bota)

Olha!

BARNABÉ

É ela!

LIBÓRIO

A minha bota!

BARNABÉ

A sua bota!

BARNABÉ

É verdade, a bota!

LIBÓRIO (passando para a direita)

Quem a pendurou acolá?

BARNABÉ (tirando a bota para baixo)

Eu não fui.

BARNABÉ

Menos eu.

LIBÓRIO

Por consequência...

BARNABÉ

O Sr. Libório tem estado a gozar connosco... Isto é uma chalaça... não há que ver...

LIBÓRIO

Hein?

BARNABÉ (rindo)

O meu genro ser sempre um pandego...

BARNABÉ

Quis-nos impingir esta comédia.

LIBÓRIO

Irra! Foste tu; olha que te ponho no olho da rua!...

BARNABÉ

Oh senhor!...

BARNABÉ

Como imagina o senhor que esta rapariga...

LIBÓRIO

Se não foi ela... foi o senhor.

BARNABÉ

Meu genro!... ousar desconfiar que um antigo negociante...

LIBÓRIO

Tem razão... seria espírito de mais para um antigo negociante... Mas o certo é que nós aqui não somos senão três. A minha mulher não pode ser, porque está de cama com um pé torcido.

BARNABÉ

A respeito disso, parece que ela está melhor do pé... O senhor sabe que ela está melhor do pé...

LIBÓRIO

Como eu que sei?

BARNABÉ

Eu ouvi o meu genro esta noite abrir a porta do quarto dela.

LIBÓRIO

Eu?

BARNABÉ

E que balburdia o senhor fez!...

LIBÓRIO

Eu?

BARNABÉ

Se não receasse ser indiscreto, vinha cá abaixo.

LIBÓRIO

O senhor está doudo! Eu não sai daqui!

BARNABÉ

Ora, deixe-se disso...

BARNABÉ (refletindo)

Achei o que é... Já sei...

LIBÓRIO (vivamente)

Achaste quem é que manga comigo?

BARNABÉ

É o senhor mesmo.

LIBÓRIO

Eu?

BARNABÉ

Ele? diz lá...

BARNABÉ (a Barnabé)

Eu tive um primo que fazia o mesmo... levantava-se de noite...

BARNABÉ

Um sonâmbulo! Ela tem razão... O Sr. Libório é sonâmbulo.

BARNABÉ

É isso, é isso, sonâmbulo...

LIBÓRIO

Eu sonâmbulo!... está bem!... fico ciente!...

BARNABÉ

É que o senhor não se lembra do que fez. Uma noite, meu primo, entrou pelo meu quarto dentro, e abraçou-me; e eu como sabia que é um perigo acordar os sonâmbulos, nada lhe disse, e ele ao outro dia não se lembrava de nada.

LIBÓRIO

É lá possível que fosse eu!...

BARNABÉ

Então quem havia de ser?

LIBÓRIO

É assim... é - está tudo bem explicado... mas será difícil fazer-me crer que eu a dormir rompesse os meus charutos, que deitasse pimenta no meu bonet e cozesse os meus lenços.

BARNABÉ

Aqui estou eu que fui sonâmbulo quando era pequeno, e escrevia os traslados a dormir...

LIBÓRIO (á parte)

Estou inquieto... (Alto)

Meu sogro, e também tu, Sebastiana, peço-lhes que não digam nada do acontecido a minha mulher.

BARNABÉ

Eu cá por mim...

BARNABÉ

Fique na certeza...

LIBÓRIO (cismando)

De mais a mais, eu não sei cozer... Como é possível que eu soubesse cozer a dormir?...

BARNABÉ

Ó meu senhor, o meu primo só sabia abraçar-me quando estava a dormir... Chama-se a isso vista dobrada.

LIBÓRIO (á parte)

Este caso faz-me desconfiar...

CENA IV

Os mesmos e Etelvina

ETELVINA (fora)

Quem me acode, quem me acode!

BARNABÉ

Minha filha!

BARNABÉ

Senhora!... (Todos se dirigem para a porta da direita que se abre para dar passagem a Etelvina que entra em tolete de noite com a perna direita ligada encostando-se à parede).

ETELVINA

Socorram-me... uma cadeira... amparem-me... (Libório e Barnabé pegam em Etelvina em quanto Sebastiana puxa a cadeira para o centro da cena).

BARNABÉ

Pois tu ergueste-te?

LIBÓRIO

Então isso como vai? melhorzinha?

ETELVINA

Pelo contrário... cada vez pior.

LIBÓRIO

Era melhor ter tocado a campainha.

ETELVINA (deixando-se cair no fauteuil)

Ai! devagar, devagar... Sebastiana, um banquinho...

LIBÓRIO (chegando-lho)

Aqui está... venha uma almofada... (Sebastiana traz a travesseirinha que ele coloca sobre o banquinho; depois quer pegar na perna da mulher)

Com licença...

ETELVINA

Não lhe toque... Ai! a menor pressão... (pondo a perna sobre o banco)

Ai!... como eu estou!... (Sebastiana tem passado para a direita).

BARNABÉ

Para que te ergueste tu?

ETELVINA

Eu estava melhor... quis experimentar... E, depois que me levantei, achei-me tão boa, que pensei poder vir até cá; mas receio bem ter agravado o mal...

LIBÓRIO (á parte)

Vamos bem!... o casamento está para demora... O meu matrimónio está pendente de um pé desnocado... Se isto não for pé de cantiga, fico toda vida a fazer pé de alferes à minha mulher coxa.

BARNABÉ (que tem estado a conversar com a filha)

Fizeste muito mal em te levatares... Eu não posso demorar-me porque tenho de falar com o José Francisco Braga que me quer ceder a quinta da Carriça... E, como não pude arranjar a de S. Mamede de Infesta, vou-me lá.

ETELVINA

Então o pai quer deixar-nos? Muda de casa?

LIBÓRIO

Ó meu sogro!... (á parte)

Não seria mau...

BARNABÉ

Sogro... precisamente... um sogro entre uns casados que se adoram, é incómodo... é emprazador...

ETELVINA

Ora...

LIBÓRIO

Ora... (á parte)

Diz muito bem...

BARNABÉ

E, nesse caso, resolvi... com muito pesar... com muita saudade... ir viver ossinho... o que me custar muito... na aldeia... É um sacrifício... vou vitimar-me à felicidade dos meus filhos... E além disso, está no meu gosto... a meditação... divagar solitário no seio da natureza...

ETELVINA

Então não o demoramos, meu pai; mas esperamo-lo para o almoço.

BARNABÉ

Não será possível... Tenciono almoçar no botequim... Não gosto de almoçar de garfo; prefiro o meu café com leite, uma torrada, e o Primeiro de Janeiro que é tudo leve.

ETELVINA

Plena liberdade...

BARNABÉ

Liberdade... liberdade...! E, se tu agora piorasses...

ETELVINA

Não... eu sinto-me melhor... Sebastiana ficará ao pé de mim, e se for preciso, o Libório vai chamar o médico.

BARNABÉ

E eu não me demorarei muito tempo... Se o José Francisco lá estiver, antes do meio dia volto a casa...

Vou tratar depressa este negócio... Então é verdade que estás melhorzinha?

ETELVINA

Sim... neste momento quase que não sofro.

BARNABÉ

Então vou acabar com isto... O meu genro, aqui lha entrego...

LIBÓRIO

Vá descansado, meu sogro.

BARNABÉ (abraçando Etelvina)

Até logo, minha Lili... Vou-me já safando, por que, se fosses a pior, teria de ficar, e fazia-me desarranjo.
(Sai pelo fundo).

LIBÓRIO (acompanhando-o)

Arranje lá os seus negócios e não se apresse...

CENA V

Etelvina, Sebastiana e Libório

ETELVINA (á parte)

Vou em fim saber o resultado das minhas primeiras picadelas de alfinete.

LIBÓRIO (voltando de bom rosto para junto da sua mulher)

A senhora aqui... na minha alcova... Que surpresa!

ETELVINA

Ora esta! O senhor traz uma bota e um chinelo?!

LIBÓRIO

Foi a Sebastiana que...

BARNABÉ

Eu? E ele a dar-lhe...

LIBÓRIO

Ou eu... É muito possível que fosse eu... Eu tenho padecido tanto depois do nosso casamento... que posso estar doudo... (Ergue-se).

ETELVINA (á parte)

É possível que ele se persuada...

BARNABÉ (ao pé do leito)

Ora esta! as cortinas estão rasgadas! quer ver?

LIBÓRIO

É isso, é isso; fui eu... Quando me erguia, puxei pelos cortinados, e zás!... é preciso chamar o estofador.

ETELVINA (á parte)

Está persuadido que foi ele...

LIBÓRIO (á parte)

Ela acredita que eu sou sonâmbulo!...

BARNABÉ (arrumando)

Este quarto está numa felga...

LIBÓRIO (á parte)

A mulher é capaz de ficar... Detestável criatura!

ETELVINA (olhando para a pendula)

São onze horas?

LIBÓRIO (á parte)

Ai! já onze!

BARNABÉ

Não, minha senhora, só são nove horas... Eu não sei como isto seja! A pendula do senhor adianta-se, e o relógio atrasa-se.

LIBÓRIO

Como será isso? entende-se bem... é muito simples... Sou eu que desmancho tudo... Como hei de eu andar direito, se o pé torto da minha mulher não me sai do espirito?!

ETELVINA

Pobre Libório! (á parte)

Ele será tão estúpido? (Alto a Sebastiana, mostrando-lhe os suspensórios que estão no chão)

Sebastiana, levanta isso.

BARNABÉ (erguendo os suspensórios)

O senhor estragou assim os seus suspensórios?

LIBÓRIO

É verdade, é verdade... Foi de propósito.

ETELVINA

De propósito?

LIBÓRIO

Incomodavam-me. (á parte)

A criada já me enoja...

ETELVINA (á parte)

Como ele é tão filosofo, dobrarei a doze...

LIBÓRIO (a Sebastiana)

Sebastiana...

BARNABÉ

Senhor.

LIBÓRIO

Seria bom tratar do almoço.

BARNABÉ

Sim, meu senhor; mas, se a senhora precisar de mim?

LIBÓRIO

Se precisar, chamo-te... faz um almoço ligeiro, refrigerante. (Sebastiana tem passado para a direita).

ETELVINA

Eu tinha dado as ordens; mas, se as não aprova...

LIBÓRIO

Eu? tudo o que a minha esposa quiser é o que eu quero... Sebastiana, vai preparar o almoço que a senhora ordenou.

BARNABÉ

Sim, meu senhor. (Sai pelo fundo).

CENA VI

Etelvina e Libório

ETELVINA

Ah! tu queres um tête-à-tête... Vamos a isso...

LIBÓRIO (á parte)

Sozinhos! estamos sozinhos! (com transporte, sentando-se ao lado de Etelvina)

Ah! Etelvina! Minha esposa! querida...

ETELVINA

Que é, meu amigo?

LIBÓRIO

Desculpa a minha perturbação!... esta emoção!... este primeiro tête-à-tête... porque é o primeiro... o primeiro... depois que és minha mulher, e que me pertences, Etelvina!... porque tu és minha, és o meu bem, o meu tesouro, a minha vida...

ETELVINA

Sim, Libório; somos um do outro, são inseparáveis os nossos destinos... Eu sou sua como o senhor é meu... O senhor pode esquecer isso... eu é que jamais!...

LIBÓRIO

Esquecer, esquecer, eu! Se tu soubesses as noites tormentosas que eu passo!... o que me custa a adormecer... as reflexões que precedem o meu sono... os sonhos que o acompanham... Queres que eu tos conte?

ETELVINA

Pois sim, conte lá.

LIBÓRIO (erguendo-se)

Às vezes, vejo-te sair de uma floresta como a Armengarda do Alexandre Herculano das penhas da Covadonga; outras vezes estamos os dois num paraíso terreal como Adão e Eva... e eu a apertar-te ao coração (aproxima-se)

a apertar-te... (Cinge-a com os braços).

ETELVINA (gritando)

Ai! ai!

LIBÓRIO (recuando)

Tu que tens!

ETELVINA

Ah! que dores!

LIBÓRIO (á parte)

Diabólico torção!...

ETELVINA

Isto passa... não é nada... foi um jeito que o senhor me fez dar. (com a voz natural)

Pode continuar, meu amigo.

LIBÓRIO

Em que estávamos nós?

ETELVINA

Estávamos no paraíso terreal.

LIBÓRIO

É verdade, um ao lado do outro.

ETELVINA

O senhor abraçava-me...

LIBÓRIO

Mas, presentemente, não me atrevo...

ETELVINA

Isso não faz nada ao caso... o abraço era a sonhar...

LIBÓRIO

Etelvina!

ETELVINA

Libório!

LIBÓRIO

O nosso casamento não é um sonho... pois não?

E TELVINA

Decerto não, meu amigo.

LIBÓRIO

E todavia...

E TELVINA

E todavia...

LIBÓRIO

Olha, Etelevina, eu queria que o pé torcido fosse meu; ainda que tivesse torcidos ambos os pés não deixaria de me lançar nos teus braços... Não há suplício comparável... Ah! Tântalo no meio da água, debaixo de árvores carregadas de frutos que ele não podia trincar... Eis a minha posição!... a árvore... és tu! Tântalo, sou eu! Tenho fome, e não posso comer... Horrível!

E TELVINA

Então o senhor padece muito, não é verdade?

LIBÓRIO

Até ao extremo de me tornar cruel e insensível ás tuas dores... Quando aí te vejo, face a face, não ouço senão a minha paixão e... (abraça-a)

ETELVINA

Ai! ai! meu Deus! ai!

LIBÓRIO (erguendo-se)

Não, não, não... nada de novo... mesmo nada... (á parte)

Tudo como dantes... Quartel general de Abrantes...

ETELVINA

Ai que dores! que dores lancinantes!

LIBÓRIO

Se sou o culpado, peço desculpa...

ETELVINA

Ah!... vai passando... adormece... Ah! respiro! (tom natural:)

Pode continuar, meu amigo.

LIBÓRIO

Continuar... o quê?

ETELVINA

Isso que me estava contando... que era muito bonito...

LIBÓRIO (á parte)

Ela parece inocente como uma ovelhinha recém-nascida! (alto)

Minha senhora, se me dá licença, ataremos o fio partido do cavaco quando a senhora estiver sã.

ETELVINA

Mas... por quê?

LIBÓRIO

Porque esta palestra... agita-me... agita-me bastante.

ETELVINA

Ah! sim? então falemos de outra coisa.

LIBÓRIO

Sim... de coisas frias... histórias da Sibéria... Falemos do Marão, da Serra da Estrela.

ETELVINA

Diga-me cá, não o incomoda andar com uma bota e um chinelo?

LIBÓRIO

Incomoda-me horrivelmente... e, se me dás licença, calço a outra.

ETELVINA

Se dou licença? ora essa... Pode calçar.

LIBÓRIO (calçando a outra bota)

De mais a mais, este acto não é por nenhuma maneira provocante nem estimulante... até acho que faria bem em me vestir... (tira a camisola)

ETELVINA

Vestir-se?

LIBÓRIO

Somente vestir um colete e uma rabona (á parte)

Creio que um marido, sem faltar à decência... (Enquanto fala, vai abrir o gabinete da toilette, e recebe na cara o outro chinelo que pendia de uma guita)

Cá está o outro chinelo!

E TELVINA

Tinha-o perdido?

LIBÓRIO

Nada, fui eu... Estou no hábito de todas as noites...

E TELVINA

Pendurar um dos chinelos no gabinete de toilette...

LIBÓRIO

Sim... isto é... quero dizer... Ordinariamente penduro os chinelos... não, eu ponho-os ambos aos pés da cama; mas aconteceu que pendurei este...

E TELVINA (á parte)

É admirável! nada o espanta! Forte idiota!

LIBÓRIO (á parte, tirando a gravata do gabinete)

É inevitável que eu seja sonâmbulo... acabou-se... sou sonâmbulo.

E TELVINA

É singular coisa! Tenho momentos em que não me doe nada o pé... perfeitamente boa...

LIBÓRIO

Esses momentos duram pouco (Procurando atar a gravata)

Não me ajeito!... maldita gravata... estou muito perturbado...

E TELVINA

Quer que o ajude, meu amigo?

LIBÓRIO

Agradeço, mas receio...

E TELVINA

Venha cá... pois eu não sou sua mulher?

LIBÓRIO

Ah!

ETELVINA

O senhor diz ah!

LIBÓRIO

Eu cá me intendo... (Ajoelha aos pés da mulher estendendo-lhe o pescoço e dando-lhe a gravata)

Tu não me percebes... mas eu é que me compreendo... Mistérios...

ETELVINA (sorrindo)

Então tem segredos para mim, Libório?

LIBÓRIO

Ah! Etelvina! que gentil, que formosa tu és! (Etelvina aperta a gravata)

Ai!

ETELVINA (ingenuamente)

Que tem?

LIBÓRIO

É que me afogas!

ETELVINA

É porque o senhor mexe-se.

LIBÓRIO

Eu mexo-me porque tu me asfixias.

ETELVINA (maviosamente)

Esteja assim quietinho... para eu lhe fazer um lindo laço. (Ele quer abraça-la).

ETELVINA

Ah! Deus do céu! que dor!

LIBÓRIO (erguendo-se)

Não, não... não me lembrou... (á parte)

Apre! que situação! (Passa para a esquerda, e vai vestir o colete e a rabona que tira do gabinete).

EVELINA

Que dores! que dores!

CENA VII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo)

Está pronto o almoço, senhora. Onde quer a mesa?

ETELVINA

Não tenho apetite...

LIBÓRIO

Nem eu tão pouco, a não ser que... Que há que almoçar?

BARNABÉ

Ostras cruas, pastéis de camarão e salada de lagosta.

LIBÓRIO

Ui! querem-me incendiar!

ETELVINA

Não gosta do almoço?

LIBÓRIO

Há ocasiões, menina, há ocasiões... mas, no estado atual, o que eu precisava era limonadas e orchatas.

ETELVINA

Porque não vai almoçar com o meu pai ao botequim?

LIBÓRIO

Pensa que eu a deixava...

ETELVINA

Não tem duvida... vá que eu preciso descansar.

LIBÓRIO

Também eu...

ETELVINA

Cá fica a Sebastiana... Vá e demore-se por lá, que eu preciso dormir.

LIBÓRIO (que passou para a direita)

Pois bem, seja assim; vá dormir, que eu vou tomar um pouco dar. (á parte)

Ah! Etelvina, Etelvina, porque polkaste tu com o tabelião! (Sai pelo fundo).

BARNABÉ (que passou para a esquerda)

Então, pelo que vejo, ninguém almoça...

ETELVINA

Depois, Sebastiana, depois... mas tu não esperes. Almoças quando tiveres vontade.

BARNABÉ

Eu não posso deixar a senhora sozinha...

ETELVINA

Podes... Vou dormir... Vai, e fecha-me esta porta. (Sebastiana passa para a direita)

Olha, para eu não acordar estremunhada, espreita, e quando o senhor vier, vem prevenir-me.

BARNABÉ

Sim, minha senhora. (á parte)

Ela quer aqui dormir sozinha... porque será? (Sai pelo fundo).

CENA VIII

Etelvina

(só)

(está um instante quieta, mas, logo que a porta se fecha, desata precipitadamente as tiras que lhe ligam a perna, e entra a caminhar rapidamente). Ah! sim? tu comerás o almoço incendiário... hás de comê-lo por força! quando só encontrares no teu porte-monaie um tostão para pagar o leite e as limonadas, é natural que voltes ao teu posto... Essa felicidade espero eu tê-la. Seja como for, vou tratando de armar as engenhocas para a noite que vem. Comecemos pelas campainhas de que ele abusa... Onde acharei eu com que as corte? (Vai ao gabinete da toilette e encontra lá uma faca de mato)

Uma faca de mato! Ah! tu tens facas nos teus guarda-roupas?... tens!... está bom... esta servir-me... Vamos primeiro cortar... Cortar, não! (Atira com a faca para dentro do gabinete que fecha)

O que se deve quebrar é o arame... Ah!... com a cadeira sobre o leito, chego acima... (Pega da cadeira, que põe sobre a cama, e sobe acima cantarolando. Ergue-se, de costas para a parede, e pega no arame com as mãos ambas)

Oh! com os diachos! parece-me muito rijo!... Ah! é puxar... (ouve-se tilintar a campainha)

Ai que eu toquei! Se a Sebastiana me vê aqui...

CENA IX

Etelvina e Sebastiana

BARNABÉ

A senhora chamou?

ETELVINA

Ai!

BARNABÉ

Onde é que está? (Vendo-a)

Ah!...

ETELVINA

Sio! cala-te!

BARNABÉ

Foi a senhora que...

ETELVINA

Cala-te, que te hei de dar uma prenda.

BARNABÉ

Então que quer que eu faça, senhora?

ETELVINA

Espera aí. (Puxando pelo fio)

Záz! Záz! Está quebrado! (Quebra o fio, e o mesmo tilintar da campainha continua).

CENA X

As mesmas e Libório

LIBÓRIO (entrando pelo fundo quando sôa a campainha)

Ela a chamar, a minha querida a chamar...

BARNABÉ

Ui!... O meu Deus!...

ETELVINA

Oh! co a breca! Estou aviada!

LIBÓRIO (não encontrando a cadeira em que Etelvina ficou sentada e passa à esquerda)

Como é isto? Ela não está aqui? (Vendo-a)

Ólé!

ETELVINA (sempre sobre a cadeira; e com a maior naturalidade)

Então já por cá?

LIBÓRIO

Que fazes tu aí?

ETELVINA

Como estava melhor do pé, quis experimentar um passeio.

LIBÓRIO

Passear lá por cima?... Ah! tudo se explica! O sonâmbulo não era eu... eram vocês as duas que...

BARNABÉ

Ó senhor! os diabos me leve se...

LIBÓRIO

Retira-te.

BARNABÉ

Mas senhor... Raios me parta, se...

LIBÓRIO (avançando para ela)

Rua! rua!

BARNABÉ

Rua?... mas...

LIBÓRIO

Safa-te, ou eu... (Sebastiana dá um grito e foge pelo fundo. Libório dá um pontapé no banquinho).

CENA XI

Libório e Etelvina (Durante estas ultimas falas, Etelvina desce serenamente da cadeira, depois desce do leito, e aí fica fria e impassível).

LIBÓRIO (fechando a porta do fundo, e aproximando-se de Etelvina)

Agora nós dois, senhora! (silencio de Etelvina). Quando eu entrava no botequim, a inquietação fez-me regressar... Vejo que fiz bem... (silencio)

Que geringonça é esta? queira responder.

ETELVINA

Geringonça, dizes tu? perguntas-me que geringonça é esta?

LIBÓRIO

Sim!... pergunto e quero saber.

ETELVINA (formalizada)

Libório, tu esmagaste o coração de uma mulher, o seu primeiro amor...

LIBÓRIO

Eu? que esmaguei eu?

EVELINA

Despedaçaste a minha vida, cobriste o meu céu com um crepe negro!... Assassina Macário!

LIBÓRIO

Lerias!

EVELINA

Atrás, assassino! atrás, que me horrorizas!

LIBÓRIO

Como? então é por amor disso que?... Ora adeus! isso é peta... eu não matei Macário nenhum.

EVELINA

Pois tu não assassinaste Macário?

LIBÓRIO

Não tinha eu mais que fazer!... E a prova é que Macário está vivo e são.

ETELVINA

Macário vive?

LIBÓRIO (reconsiderando)

Eu cá de mim não o matei... (á parte)

que ia eu a dizer? Ela ama-o! e, se sabe que ele vive, temos novo chinfrim...

ETELVINA

Ah! tu negas? não tens a coragem do teu crime?

LIBÓRIO

Etelvina, palavra de honra!... Quem te disse?...

ETELVINA

Nada de questões... Você está condenado!

LIBÓRIO

Condenado!

E' TELVINA

Eu fiz um juramento, Libório! e na minha pátria não se quebram juramentos!

LIBÓRIO

Isso nós veremos depois... A senhora jurou de encher de pimenta os meus carapuços? coser os meus lenços?...

E' TELVINA

Isso era um prelúdio... a farsa antes da tragedia...

LIBÓRIO

Tragedia?!

E' TELVINA

Para vingar Macário, cumpria que a sua vida me pertencesse, e por isso casei consigo!

LIBÓRIO

Então foi só para isso que...

ETELVINA

Unicamente para me vingar, e nunca pelos seus atrativos, percebe?

LIBÓRIO

Mas a senhora, casando comigo, também me deu a sua vida e...

ETELVINA

A minha estava despedaçada... O sacrifício que eu lhe fazia era de uns pedaços da minha existência.

LIBÓRIO

Mas a senhora sabe que eu sou uma espécie de balão que não obedece ao movimento de vontades alheias?

ETELVINA

Os balões obedecem ao capricho do vento, e os homens ao capricho das mulheres.

LIBÓRIO

Sim? estou com curiosidade de ver isso...

ETELVINA

Eis o meu programa: (Com energia)

Quero que cada um dos teus dias seja uma catástrofe! cada uma das tuas horas uma tortura! cada um dos teus minutos um grito de dor!...

LIBÓRIO (com ironia)

Diga lá o resto.

ETELVINA

Hei de fazer-te tragar todas as amarguras! cravejar-te com todos os punhais!... passarás a vida sobre umas grelhas como S. Lourenço, e eu de vez em quando a voltar-te nas grelhas... e tu a arder, a rechinar... oh!...

LIBÓRIO

Que enorme telha!

ETELVINA

É o teu futuro!

LIBÓRIO

Mas é que eu fujo-te... pudera!...

ETELVINA

E eu vou atrás de ti. Sou tua mulher; a lei obriga-te a receber-me.

LIBÓRIO

Excelente separação de corpos a que já estou habituado!... Divorcio-me.

ETELVINA

E as provas? Pensas no divórcio? Pensas que eu não previ já esse caso muito natural de me queres escapar? Eu já li o teu código civil. Ninguém se separa sem provas e testemunhas; e tu nunca arranjar testemunhas nem provas. Mulher mais terna do que eu, em público, não haver segunda, hei de acariciar-te, ameigar-te, se for preciso, que isso me não custa nada...

LIBÓRIO (á parte)

Irral! estou a sentir uns calefrios na espinha...

ETELVINA

Em público, serás o meu amante, o meu herói, o meu Deus! Serás um mortal ditoso e invejado!... possuirás uma gentilíssima esposa, dedicadíssima... e, se, um dia, ousares queixar-te de mim, se promoveres o divórcio, passarás por um monstro extraordinário, por um ignóbil... malandro!

LIBÓRIO (á parte)

Isto é o José do Telhado disfarçado em mulher!

ETELVINA (indo para Libório que passa à esquerda)

Mas o anjo das salas será o demónio dos lares! quero que a tua vida se teça de espinhos dilacerantes. Não entrarás na tua casa sem cair numa esparrela! Não poderás sair sem te palpar uma desgraça imprevista. E este amor... este amor que me pedias, hei de dá-lo a outro!

LIBÓRIO

Oh! Shocking!

ETELVINA

Sim! hei de cuspir na tua honra!

LIBÓRIO (furioso)

Senhora!

ETELVINA

Eis o teu futuro, Libório! eis o teu futuro! (sai pela direita).

CENA XII

Libório

(só, atordoado)

Safa! caramba! É bècarre! Estou a abafar! ardem-me os miolos! Anda-me tudo à roda! Parece-me que estou numa jaula tête-à-tête com uma pantera solta... Falta-me a coragem para a luta! (Cai prostrado perto do gueridon)

Que a pantera me devore! Resistir-lhe é-me impossível!... (Fecha os olhos e fica imóvel...)

CENA XIII

Libório e Barnabé

BARNABÉ (entrando alegremente pelo fundo)

O meu negócio vai bem... otimamente.

LIBÓRIO

É ele!... (levanta-se e sobe um pouco).

BARNABÉ

Ah! meu amigo Libório, obterei a casa. O Braga ainda hesita quanto ao preço, mas eu conheço-lhe o génio... ele é condescendente... e enfim, viverei em paz e sossego.

LIBÓRIO (dirigindo-se-lhe)

Em paz?... Sorri-lhe essa esperança? Pois não viveste...

BARNABÉ

Sim... sorri-me esta esperança.

LIBÓRIO

O senhor é cúmplice, não é?

BARNABÉ

Cúmplice de quem?

LIBÓRIO

Da besta-fera de quem se intitula pai?

BARNABÉ

Sr. Libório! Modere-se!

LIBÓRIO

É cúmplice dela... Concorde... Apraz-me a sua confissão... Ao menos que a minha cólera encontre um homem em frente dela...

BARNABÉ

Eu não o percebo! Será isto um ataque de sonambulismo?!

LIBÓRIO

Sonâmbulo! Ainda está nisso, o senhor! Não sabe que a farsa se desenvolveu depois... o véu veio à terra... descobri o inimigo do meu descanso, o ente malfazejo que se metia, de noite, no meu quarto, para me transtornar tudo...

BARNABÉ

Então... quem é?

LIBÓRIO

A sua hedionda filha... a sua filha que o senhor teve artes de me impingir!...

BARNABÉ

Etelvina? o senhor está a gozar...

LIBÓRIO

Sim... finja-se espantado!...

BARNABÉ

Com um pé desnocado? a minha filha?

LIBÓRIO (rindo amargamente)

Pé desnocado! (rindo)

Ah! ah! ah! ah! Não vê que ela me bigodeou?

BARNABÉ

Mas para quê?

LIBÓRIO

Para quê? para vingar Macário que ela me acusa de eu ter assassinado!

BARNABÉ

Isso é incrível!

LIBÓRIO

E quer saber o futuro que ela me destina? A sorte de Meneláo de Sganarelo, de Vulcano e doutras testas célebres.

BARNABÉ

E ela disse-lho? Mas, quando isso se dá, as mulheres nunca previnem os maridos...

LIBÓRIO

É uma exceção...

BARNABÉ

Tudo isso é tão anormal... tão extravagante... (como assaltado por uma ideia)

Ah!

LIBÓRIO

Que é?

BARNABÉ

Lá vou... Foi a palavra extravagância que me orientou... Estou no caminho...

LIBÓRIO

Caminho de quê?

BARNABÉ

O Sr. Libório sondou o pulso da sua mulher?

LIBÓRIO

Ora essa!... sondar-lhe o pulso!... Não.

BARNABÉ

Fez mal. Esta excentricidade no seu proceder, este humor extravagante... explica-se tudo...

LIBÓRIO

O quê? o que é que se explica?

BARNABÉ

É a crise ordinária... Amigo Libório, não sucumba ao peso da sua felicidade... Libório, vou dar-lhe um júbilo imenso... Olhe que vai ser progenitor! Vai ser pai!

LIBÓRIO (exasperado)

Pai!

BARNABÉ

Sim! esses apetites desvairados... essa desordem moral...

LIBÓRIO (agarrando-o pelo colete)

Ah! patife!

BARNABÉ

Hein? você chame-me patife? a mim?

LIBÓRIO

É a minha desonra que você apregoa!

BARNABÉ (desagarrando-se sem poder)

Que diz?

LIBÓRIO

Você sabia-o e não me gritou: acautele-se!

BARNABÉ

Você esgana-me!...

LIBÓRIO

Mas agora estou convencido... (sacode-o cada vez mais).

BARNABÉ

Largue-me! socorro! ó da guarda!

CENA XIV

Os mesmos e Etelvina

(Etelvina entrando agitada pela direita; está em tolete de quem vai a passeio).

Que é isto? que aconteceu? (Libório larga Barnabé, que cai assentado ao pé da jardineira. Libório fica um momento imóvel entre o sogro e a mulher, olhando-os alternadamente; depois despede um suspiro abafado, e sai precipitadamente pelo fundo, fazendo um gesto de horror).

CENA XV

Barnabé e Etelvina

BARNABÉ (assentado)

Uf! (bufando)

ETELVINA

O pai que tem! parece que está sobressaltado!

BARNABÉ

Sim... com certeza... eu não me sinto bastante bem. (respira fortemente).

ETELVINA

Mas que aconteceu?

BARNABÉ (erguendo-se)

Aconteceu... mas não, as explicações são inúteis... Vou deixar esta caverna...

ETELVINA

Mas enfim... que lhe disse o meu marido? onde foi ele?

BARNABÉ

Não sei nem me importa... Cá te avêem sem mim... Lavem cá a sua roupa suja como poderem, que eu tenciono ser estranho a esta barrela. Boas tardes. (Vai para sair).

ETELVINA

Mas... O meu pai! venha cá...

BARNABÉ

Convence-te de que me vou embora (sobe).

ETELVINA (tolhendo-lhe o passo)

Ao menos diga-me...

BARNABÉ

Não digo... deixa-me!

ETELVINA

Não sair!

BARNABÉ

Impedir-me! (indo para ela)

Minha filha!

E TELVINA

Não sai antes de me dizer...

BARNABÉ

Tudo o que eu tenho no coração? Vais ser satisfeita! Tu, ao meu pesar, envolves-me nas tuas combinações ferozes! Pois bem... Também eu vou torturar-te... e desde já fica sabendo uma pequena coisa que te vai dar grande prazer! Macário existe! Macário vive!

E TELVINA

Macário!

BARNABÉ

Nunca se bateu... não era tão besta, como isso... É um maltrapilho, mas é velhaco... Ele logo conjeturou a linda mulherzinha que tu serias... e disse lá com os seus botões: «Não quero contas com a mexicana» e pediu a este bajogo do Libório que viesse anunciar-te a sua morte, e este parvoeirão foi tão asno... que...

E' TELVINA

O pai está blasfemando...

BARNABÉ

Que é blasfemar?

E' TELVINA

Macário vivo!... Macário autor de tal perfídia!... não, não, é impossível!

BARNABÉ

Com que então impossível! E, se eu te disser, que ele, bem contente por não entrar neste langará, se consola num a mancebia...

E' TELVINA

Mancebia?

BARNABÉ

Sim... com uma criaturinha, de pouco mais ou menos, rua de Miragaia n.º 1071, lado direito.

ETELVINA

Rua de Miragaia n.º 1071, lado direito...(Passa para a esquerda).

BARNABÉ

Mudou de freguesia; mas não de costumes... O fedor dos escândalos de Miragaia não passa da Cordoaria, e confunde-se com as flores do jardim e do peixe do barracão...

ETELVINA

Oh! isso seria horrível! horrível! (Libório entra pelo fundo).

CENA XVI

Os mesmos e Libório

LIBÓRIO (com o porte-monaie na mão)

Minha senhora, eu tinha aqui 12\$000 réis. Foi a senhora que lhe deitou o gatázio?

ETELVINA

Logo o saberá quando eu voltar (Sai).

LIBÓRIO

Onde vai você?

ETELVINA

Rua de Miragaia n.º 1071. (Sai precipitadamente pelo fundo).

LIBÓRIO

Que é? Rua de Miragaia n.º 1071! Quem lho diria? (A Barnabé)

Foi o senhor... Rua de Miragaia, é lá efetivamente (Ouve-se fechar à chave a porta do fundo)

Ela fecha-nos! e vai a casa dele! a casa dele! (Indo à porta da direita)

Por esta porta... (Ouve-se o rodar da chave que a fecha)

Fechada! fechada também! (correndo à chaminé)

Sebastiana! (puxa pelo cordão da campainha)

Não há campainha! está quebrada a campainha!

BARNABÉ

E o Braga que me está esperando para assignar a escritura!

LIBÓRIO

Eis-me encarcerado!

BARNABÉ

E eu!

LIBÓRIO (fora de si, ameaçando Barnabé)

Ah! seu biltre! foi você a causa de tudo isto! (Atira-se a Barnabé, que procura fugir-lhe, aos encontros aos trastes. Libório persegue-o vivamente. Cai o pano, quando Barnabé está apitando).

FIM DO ACTO SEGUNDO

ACTO TERCEIRO

A mesma decoração. - Grande desarranjo. - Os móveis tombados, um colchão está meio caído para fora do leito.

CENA I

Libório e Barnabé

(ao levantar do pano, Barnabé está sentado no colchão, e Libório, à direita sobre uma cadeira de braços, caída. Depois de instantes de silencio, Libório levanta-se e vai à janela).

LIBÓRIO (examinando a rua)

Nada, não vejo vir ninguém. Que horas são, Sr. Barnabé?

BARNABÉ

Outra vez... Depois do nosso combate... singular, já me perguntou isso três vezes.

LIBÓRIO

A quem hei de eu pergunta-lo? ao meu relógio? à minha pendula? Tudo aqui está desmanchado (á parte) como a cabeça da minha mulher (Levanta a cadeira).

BARNABÉ

Há cinco minutos que eu lhe disse que eram 3 e 25; agora, por consequência, são três e meia.

LIBÓRIO (passeando com grandes passos)

Ela saiu às duas horas... (dirige-se a Barnabé)

Como explica o senhor isto? Ausente à hora e meia! (Arruma os trastes).

BARNABÉ

Não que daqui de Malmerendas a Miragaia são dois quilómetros. Dê-lhe tempo...

LIBÓRIO

Que lho dê? Ela toma o que quer! Fechar o pai e o marido para ir...

BARNABÉ

Minha filha é incapaz de tal...

LIBÓRIO

É capaz de tudo: é Mexicana, e basta.

BARNABÉ

Não o contrário, para você não pegar de novo comigo. (Levanta-se e põe o colchão sobre o leito).

LIBÓRIO

Ah! o senhor tem magnificas ideias! Que eu era pai! Esta só pelo diabo! eu podia lá ser pai, homem!

BARNABÉ

E eu podia lá imaginar que o senhor depois de casado?... Enfim, o que eu lhe disse era para o aplacar...

LIBÓRIO

E para aplacar minha mulher disse-lhe que o Macário era vivo. Foi isso?

BARNABÉ

Está claro; as minhas intenções foram sempre boas... eu não tive culpa, se o senhor é um marido...
distinto.

LIBÓRIO

Que horas são?

BARNABÉ (tirando o relógio pacientemente)

Três e trinta e dois minutos. Outra vez. O melhor é ficar com o relógio na mão, (fica assobiando)
até o senhor acertar o seu.

LIBÓRIO

O senhor assobia?

BARNABÉ

Então o senhor quer que eu chore? Deixe-me assobiar, homem! Há paixões de alma que não desafogam se não pelo assobio... situações cruéis em que um homem sente a necessidade de estar sempre não só a assobiar, mas até a apitar.

LIBÓRIO

Tem razão. Quando se possui uma filha como a sua, e uma esposa como a minha, todas as manifestações do assobio e do apito são permitidas. (Barnabé continua a assobiar)

Tem razão. Assobie à sua vontade... use de todos os instrumentos de sopro... Desabafe, Sr. Barnabé, que eu faço o mesmo. (Assobia também. Ouve-se ruído de passos). Sio... escute...

BARNABÉ

Será?... (ruído na fechadura).

LIBÓRIO

É ela!

BARNABÉ

Prudência, Sr. Libório, prudência...

LIBÓRIO (sentando-se numa cadeira à esquerda, e pegando de um jornal de sobre o fogão)

É ela... (atira os pés para cima de uma cadeira).

BARNABÉ (á parte)

Eles vão-se agatanhar!... se eu pudesse tingar-me...

CENA II

Os mesmos e Etelvina

(Abre-se a porta do fundo precipitadamente. Etelvina entra muito agitada, fita o pai e o marido, tira o xaile e o chapéu que atira sobre a cama; depois, desce, volta a olhar o marido e o pai, e diz a Barnabé):

ETELVINA

Meu pai! deixe-nos sós. (Barnabé, sem responder, safa-se apressadamente pelo fundo).

CENA III

Libório e Etelvina

(Etelvina está momentos sem falar, olhando para o marido que a não encara; depois faz um gesto de impaciência e diz:)

ETELVINA

Vi Macário. Não estava só... Estava com uma criatura com um penteado de estardalhaço, muito estapafúrdio. Iam sentar-se à mesa... e eu puxei pela toalha e quebrei tudo... (Movimento de Libório, que logo se reprime, e retoma a sua aparente tranquilidade). Levantaram-se ambos e avançavam para mim; eu fiquei de braços cruzados, serena, imóvel, encarando-os assim! Depois afastei-me lentamente, sem dar palavra, e sai! (Silencio. Etelvina dá uns grandes passos)

Ah! o que são os homens! o que são os homens! (Torna para o marido)

Por que é que o senhor me anunciou a morte dele? (Silencio)

Eu sei-o, disse-mo meu pai... foi ele, esse miserável que assim o quis, não foi? O infame Macário escarneceu o meu amor, ludibriou a minha angústia! Ah! é incompreensível! é execrável! (Pega da cadeira em que o marido tem os pés e senta-se ao lado dele)

Como é que nós havemos de matar Macário?

LIBÓRIO (agitado, erguendo-se)

Que diz?

E TELVINA (fazendo-o sentar-se)

Ambos nós andamos mal, Libório. Eu pensei que tu o mataras... Não se fale mais no passado... acabou-se... Agora, unamo-nos para a vingança... Como é que se assassinar Macário?

LIBÓRIO (erguendo-se)

A senhora terá o diabo no corpo?

E TELVINA

Se estivéssemos na minha pátria, eu não o consultava; mas aqui, os homens que fizeram as leis, reservam para si o monopólio da vingança, e a honra de uma mulher nada importa, se não implica com a honra do homem. Pois então, Sr. Libório, visto que me esposou, a minha honra é a sua. Um pulha, um sacripanta escarneceu sua mulher... cumpre-lhe evitar que ele o escarneça também a si... (com ternura)

Mata-o! filho! mata-o!

LIBÓRIO (á parte)

Arreda! estou em brasa!

E TELVINA (formalizada)

Dar-se-á caso que o senhor, escravo de vãos prejuízos, não queira atentar contra a vida dele sem expor a sua? Se é isso, esteja descansado. Se Macário o matar, eu não lhe sobreviverei, nem ele, porque morrerá

às minhas mãos; matá-lo-ei, matá-lo-ei, e depois lá nos veremos... no céu! (Apontando-lhe para o céu, bate-lhe com a outra mão no ombro).

LIBÓRIO

A senhora com toda a certeza está doida!

E TELVINA

Doida?

LIBÓRIO

Então a senhora quer que eu vendime o Macário porque ele não quis casar consigo... Tomara eu obrigalo a casar...

E TELVINA

Senhor! veja lá o que diz!

LIBÓRIO

Olhe, menina; isso que a senhora me propõe já Hermíone o propôs a Orestes num a tragedia de Racine, e sabe o que fez a canalha da Hermíone, depois que o parvo do Orestes matou Pirro? Pôs-se a chorar por Pirro, e mandou o Orestes à fava. Aqui tem a gratidão das mulheres...

ETELVINA

Por tanto, recusa?

LIBÓRIO

Redondissimamente. (á parte)

Isto é que é o chic da patifaria!

ETELVINA

Bem! Eu pedia-lhe a cabeça de Macário para salvar a sua... Você não quer? não quer? não se fala mais nisso.

LIBÓRIO

Isso que quer dizer... explique-se!

ETELVINA

Macário recuou diante dos laços indissolúveis; mas amava-me, estou certa disso, e eu... ainda o amo.

LIBÓRIO (levantando os dois braços)

Que diabo!

ETELVINA

E visto que o senhor desculpa o proceder passado de Macário, terá de desculpar também o futuro...

LIBÓRIO (agarrando-a pelos braços)

Mulher!... Ah! tu pensavas que...

ETELVINA

Largue-me!

LIBÓRIO

Amas Macário?

ETELVINA

Você magoa-me!

LIBÓRIO

Os indígenas do México que é o que fazem ás mulheres que se parecem contigo?

ETELVINA

O senhor está-me a quebrar os braços...

LIBÓRIO

Pode ser; porque em Portugal, nós os homens, ao lado da lei, também temos a força.

ETELVINA

Isso é uma covardia!

LIBÓRIO

Não sei se é; mas eu, se houvesse de matar alguém, não mataria o Macário...

ETELVINA

Ai! (Cai de joelhos).

LIBÓRIO

Olhe bem para mim, senhora! (Ela quer morder-lhe a mão)

e não morda! Se pensou que casava com um cordeirinho, mude de opinião ao meu respeito. Este homem que se chama Libório, nascido no Porto, no Poço das Patas n.º 610, é de per si só mais feroz que todos os leopardos do México... Não morda, ouviu?

E TELVINA

Ai!

LIBÓRIO

Por enquanto, deixo-a viver; mas tenha juízo, muito juízo, ou dou-lhe a minha palavra de honra que não tardarei a passar a segundas núpcias! (Deixa-a).

E TELVINA (conserva-se um instante imóvel, como humilhada da sua fraqueza; relança à volta de si olhos furiosos, depois levanta-se de um pulo, exclamando:)

Ah! a faca de mato! (Corre para o gabinete da toilette).

LIBÓRIO

Bem sei... (Vai atrás dela, e fecha-lhe a porta por fora logo que ela entra).

E TELVINA (fechada)

Abra, abra a porta!

LIBÓRIO (pegando do chapéu)

Medite, senhora, que eu passados três dias, volto cá. (Sai pelo fundo).

ETELVINA (batendo na porta)

É infame, é abominável! Sr. Libório! Olhe que quebro a porta. (Pancadas cada vez mais fortes)

Abra-me a porta; peço-lhe que me abra a porta por quem é! Oh! que vil, que indigno procedimento!

CENA IV

Etelvina (fechada)

e Barnabé

BARNABÉ (entrando pelo fundo)

Ora aqui está! Em quanto eu estive aqui fechado, o Braga vendeu a casa da Carriça... Tenho de procurar outra... (Etelvina bate à porta do gabinete. Barnabé que está perto, recua assustado)

Que diabo é isto?

ETELVINA

Abra-me a porta!

BARNABÉ

A minha filha fechada! (alto)

Tu que fazes aí?

ETELVINA

Abra, meu pai, abra!

BARNABÉ

Mas como foi isto? (Vai para abrir).

ETELVINA

Foi meu marido... Abra que eu lhe contarei.

BARNABÉ (retirando-se)

Teu marido!... diabo! diabo! isso é mais serio...

ETELVINA

Então, abre?

BARNABÉ

Minha filha, um sogro não deve intervir entre marido e mulher.

ETELVINA

Então não abre?

BARNABÉ

Procedo como fino político... Mantenho-me na neutralidade, na não intervenção.

ETELVINA

Mas eu sufoco!... (Grande tropel dentro).

BARNABÉ

Não sufocas, não... Isso passa!... (á parte)

Ela arromba o sobrado!... (Sai).

ETELVINA (batendo sempre)

Meu pai! meu pai! Foi-se?... Socorram-me! Acudam-me!

CENA V

Sebastiana e Etelvina

(Sebastiana entra pela direita, trazendo pratos, talheres, pães e guardanapos)

BARNABÉ

A voz da senhora no gabinete de vestir... (Pousa o que traz sobre o mármore do fogão). É a senhora?

ETELVINA

Abre, Sebastiana, abre a porta.

BARNABÉ

Aí vou, aí vou. (Abrindo)

Que foi isto?

ETELVINA

Pega! (Dá uma bofetada em Sebastiana).

BARNABÉ

Ah! a senhora bate-me?

E'ETELVINA (percorrendo o teatro furiosa)

Ó raiva! ó furor!

BARNABÉ

Se eu soubesse que estava fechada...

E'ETELVINA

Perdoa-me, perdoa-me, Sebastiana... É a cólera, são os nervos... (Dá-lhe dinheiro)

Pega lá, guarda...

BARNABÉ

Obrigado, minha senhora! (á parte)

Ela é muito boazinha! (Põe a mesa na jardineira).

E'ETELVINA (caindo numa cadeira à direita)

Tudo que me sucede é incrível! é estúpido! Este homem que eu julgava um choninhas, um maricas, um fracalhão, agarrou-me, e prostrou-me suplicante! Ele furioso, parecia-me até bonito! (Voltando-se para Sebastiana que põe a mesa)

Que estás a fazer?

BARNABÉ

Ponho a mesa, senhora.

ETELVINA

Aqui?!

BARNABÉ

A senhora esqueceu-se das ordens que me deu esta manhã?

ETELVINA

Ah! sim, sim, esta manhã... então ainda eu me preocupava com pieguices... Mas agora... (Ouve-se a campainha)

Tocaram.

BARNABÉ

Vou ver. (Sai pelo fundo).

ETELVINA (só)

Não pode ser meu pai nem meu marido... eles não tocavam. Se fosse ele... ah! talvez seja... Macário!

Quem sabe se a minha presença, despertando-lhe lembranças, acordou a sua paixão... Ah! se fosse ele, se fosse ele...

BARNABÉ (entrando pelo fundo. Traz uma garrafa, copos e um papel)

Senhora, é um homem, enviado pelo Sr. Macário, com este papel.

ETELVINA (pegando no papel com ansiedade)

Dele? dá cá, dá cá. (Passa para a direita, em quanto Sebastiana põe a garrafa e os copos sobre o gueridon. À parte)

Ah! não me enganei! Ele ama-me!... Triunfo, em fim!

BARNABÉ (á parte)

Ela que terá?

ETELVINA (lendo)

«Ano do Nascimento de... 1885, aos 24 dias de... a requerimento...» Hein? papel selado! (lendo)

«A requerimento do Sr. Macário dos Anjos, eu, oficial de justiça abaixo assignado, citei a Sr.^a D. Etelvina Barnabé para pagar a quantia de 64\$460 réis de porcelanas e cristais quebrados, etc. etc. etc.» Ah!... (Cai num a cadeira à direita e fica silenciosa).

BARNABÉ (que tem continuado a pôr a mesa, corre para ela)

Ai! meu Deus! a senhora achou-se mal?

CENA VI

Os mesmos e Barnabé

BARNABÉ (entrando cautamente pelo fundo e vendo Sebastiana que encobre a senhora)

Sebastiana! A senhora ainda está no gabinete?

ETELVINA (indo para o pai)

Meu pai!

BARNABÉ (querendo safar-se)

Olha!...

ETELVINA

Venha cá!...

BARNABÉ

Eu volto logo.

ETELVINA

Fique, meu pai. Vai-te embora, Sebastiana.

BARNABÉ

Sim, minha senhora. (Sai pelo fundo).

BARNABÉ

Vou-te contar... Descobri outra quinta no Candal.

ETELVINA

Meu pai, eu volto para o México.

BARNABÉ

Com teu homem?

ETELVINA

Já não tenho homem.

BARNABÉ

Não tens homem? Então Libório o que é? Parece que tens razão... Ele para homem parece-me muito atrasado... Tu lá sabes...

E'ETELVINA

Fujo de Portugal, das suas leis, do seu código, dos seus costumes (ironicamente)
e da sua justiça...

BARNABÉ

Mas, desgraçada, tu vais encontrar a mesma coisa no México.

E'ETELVINA

No México?

BARNABÉ

Portugal não tarda a lá chegar com a sua influência, com os seus jornais...

E'ETELVINA

Irei para a China.

BARNABÉ

Não sabes que Portugal está em Macau! Basta lá estar o Camões na gruta.

E' TELVINA

Vou para o Japão.

BARNABÉ

Estão lá missionários portugueses... os jesuítas que têm um olho muito fino...

E' TELVINA

Irei para uma ilha deserta. (Passa para a esquerda).

BARNABÉ

Ah! sim! se achares uma... Ilhas desertas são hoje raríssimas... Não se apanha meia...

E' TELVINA

O pai vai comigo?

BARNABÉ

Eu!

ETELVINA

É indispensável...

BARNABÉ

Nunca! Pede-me o que quiseses; mas viver só contigo, isso, nunca!

ETELVINA

Não importa. Vou sozinha. (Repassa para a direita).

BARNABÉ

Filha!... juizinho, filha.

ETELVINA

Eu já não tenho pai... nem marido... nem família. Parto! adeus! (sai pela porta da direita).

BARNABÉ (vendo-a sair, depois diz tranquilamente)

Falaram-me de uma casinha no Candal, e, se não for húmida, tem muitas comodidades. Fiquei de me encontrar com o agente às cinco horas, e...

CENA VII

Barnabé e Libório

LIBÓRIO (entrando pelo fundo, sem ver Barnabé, e olhando para a porta do gabinete que está aberta)

Ah! já a soltaram! Sim... definitivamente é a melhor resolução... (Vendo Barnabé)

Olá! o senhor!

BARNABÉ

Eu ia sair.

LIBÓRIO

Eu também parto.

BARNABÉ

E para onde vai?

LIBÓRIO

Isso é que eu não sei; sei que vou para muito longe. (Passa à esquerda).

BARNABÉ

Muito longe?

LIBÓRIO

Se vir sua filha, diga-lhe que morri.

BARNABÉ (tranquilamente)

Está bem; direi.

LIBÓRIO

Diga-lhe que me matou Macário - dê-lhe esse regalo.

BARNABÉ

Está dito. Vá descansado.

LIBÓRIO

Vou arranjar a mala. (Entra no gabinete).

BARNABÉ (vê-o sair e ata o seu monogolo)

É no Candal, subúrbios de Vila Nova de Gaia; visitarei os armazéns. Gaia dizem que tem um castelo feito por um rei Mouro, e uma fonte célebre com uma água muito fina, que seria a melhor bebida do mundo, se não estivessem ali perto as garrafeiras de 1815. Logo ali ao pé está o convento da serra, um lugar histórico... É um belo arranjo... com repuxo. (Desaparece pelo fundo - A cena fica vazia).

CENA VIII

Libório e Etelvina

ETELVINA (entrando pela direita com uma maleta)

Creio que deixei aqui o meu xaile e o meu chapéu (Põe a maleta sobre a mesa).

LIBÓRIO (saindo do gabinete com a mala)

Onde diabo deixei eu a minha Guia de viajantes?

ETELVINA (achando o xaile e o chapéu sobre a cama)

Cá estão.

LIBÓRIO (achando a Guia)

Ela aqui está.

ETELVINA (parando junto dele)

Ah!... o senhor...

LIBÓRIO (surpreendido)

Ólé!... a senhora.

E TELVINA

Você parte?

LIBÓRIO

Parto.

E TELVINA

É boa! temos a mesma ideia!

LIBÓRIO

Também vai?

E TELVINA

Sim senhor... As ideias encontram-se.

LIBÓRIO

Muito bem; mas, embora se encontrem as ideias, é necessário que nós nos desencontremos. Para onde vai?

ETELVINA

Para onde o senhor não for.

LIBÓRIO

Temos o mesmo itinerário. (Assenta-se perto da jardineira, tendo a mala sobre os joelhos cujas correias afivela, depois de lá ter metido pequenos objetos que tirou do mármore do fogão).

ETELVINA

Eu vou para o sul.

LIBÓRIO

Países quentes... vai muito bem. Nesse caso, tomarei o caminho de ferro do norte.

ETELVINA

Ás mil maravilhas.

LIBÓRIO

Ora olhe... (consulta o Guia)

Segue para Lisboa?

E'ETELVINA

Sigo no expresso.

LIBÓRIO

Às 7 da tarde.

E'ETELVINA

Tão tarde!

LIBÓRIO

Vejamos a linha do norte. Quatro e quarenta e cinco... que zanga!

E'ETELVINA

Daqui até lá, que se fazer?

LIBÓRIO

Uma ideia que o estomago me inspira. Estou em jejum. Jantarei antes de partir.

ETELVINA

Na estação de Campanhã? Pois vá!... Eu faço o mesmo.

LIBÓRIO (a sair com a mala)

Adeusinho, e estimo que coma com bom apetite.

ETELVINA

Da mesma sorte. (Vão ambos a sair pela porta do fundo, e param, cedendo a passagem um ao outro cortesmente). Faz favor.

LIBÓRIO

Queira passar, minha senhora...

CENA IX

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ

Aqui está a sopa. (Passa por diante de Libório e coloca a terrina sobre o gueridon).

LIBÓRIO

A sopa!... Como cheira bem!

BARNABÉ

Está uma delícia, meu senhor! (sai pelo fundo).

ETELVINA (á parte)

Uma senhora sozinha num restaurante...

LIBÓRIO (aproximando-se da mesa)

Que aromática!...

ETELVINA (á parte)

O que eu devo fazer é deixar-me estar (Depõe a maleta, o xaile e o chapéu).

LIBÓRIO (largando a mala)

Se eu tomasse um caldo...

ETELVINA (indo à jardineira, e achando Libório a destapar a terrina)

Então sempre se resolve?...

LIBÓRIO

Ah!... é que eu... como o outro que diz...

ETELVINA

Sim... eu também refleti que jantar sozinha num restaurante... Repara-se, não é verdade?

LIBÓRIO (pegando da mala e passando para a direita)

Tem razão e eu cedo-lhe a sopa.

ETELVINA

Então o senhor... não come!

LIBÓRIO

Boa viagem. (sai pelo fundo).

CENA X

Etelvina e Libório

ETELVINA (só, parece muito agitada, e observa se Libório não volta)

O tempo deve estar entroviscado... Cá o sinto nos nervos! (Senta-se à esquerda da jardineira, e serve-se da sopa atabalhoadamente; come em silêncio)

Esta sopa é detestável! e depois não tenho apetite nenhum! (Arremessa a colher)

Que é o que eu vou fazer a Lisboa? É uma tolice. Viajar, para quê? Lisboa já eu conheço... Se eu fosse para o norte... (Erguendo-se raivosa contra si)

Oh! Etelvina! tu és incrível!... fazes coisas!... Eu fui muito injusta... porque ele amava-me... O meu pai foi o causador de tudo... Para que lhe disse ele... «Fez bem em matar Macário»? Oh! com certeza, teria ele feito uma boa ação, e a minha maior injustiça foi eu querer castiga-lo por isso... Papel selado!... que patife!...

LIBÓRIO (fora)

Vai aí à Batalha chamar o trem, depressa.

ETELVINA

É a voz dele!... voltou!...

CENA XI

Etelvina e Libório

LIBÓRIO (entrando pelo fundo)

Queira perdoar, minha senhora! Chove a cântaros; consentir que eu espere o trem que mandei buscar.

ETELVINA

Pode esperar, e como está em jejum, e a sopa está excelente... se quer...

LIBÓRIO

A sopa cheira bem... muito bem... Isso é verdade.

ETELVINA

Se não receia que o envenene...

LIBÓRIO

Oh!... (reconsiderando)

Em fim... (jovialmente)

visto que a senhora também come...

E' TELVINA

Então sente-se.

LIBÓRIO

Pois sim... Nada, não quero... Tenho visto muitas comédias em que esposos zangados cometiam a imprudência de comer juntos, e à sobremesa tinham a desgraça de fazer as pazes... Eu não quero que a senhora se persuada...

E' TELVINA

Sem cerimónia... Não quer?

LIBÓRIO

Não duvido... mas peço licença para comer a minha sopa, longe, acolá, sobre aquela mesa (Leva para a mesa da direita o seu talher e prato; à parte)

Antes quero isto.

E' TELVINA

À sua vontade... talvez estivesse mais seguro no pátio.

LIBÓRIO

Isso não, porque o vento me sacudiria a chuva sobre o prato. (come).

EDELVINA (comendo também)

Que triste tempo para viajar!...

LIBÓRIO

Não tanto assim... Em primeira classe vai-se agasalhado... Mas pergunto eu: a senhora porque vai?

EDELVINA

Porque não quero estar no Porto.

LIBÓRIO

Mas, visto que eu me retiro, a senhora fique.

EDELVINA

Sozinha?

LIBÓRIO

Não: com o seu pai e com o defunto Macário.

ETELVINA

Acha que é de bom gosto fazer-me troça?

LIBÓRIO

Pois não me disse ainda há pouco que o amava?

ETELVINA

O senhor não me acreditou. Conhece-me bastante para saber que eu não sou mulher que ame quem a ultraja... Quer beber? (deita-lhe vinho no copo)

Beba, ande. Ora vá!...

LIBÓRIO (erguendo-se)

Muito obrigado (Vai pegar do seu copo de sobre a jardineira e bebe).

CENA XII

Os mesmos e Sebastiana

BARNABÉ (entrando pelo fundo com um prato)

Fi-la esperar, minha senhora: mas a causa foi o senhor que me mandou buscar um trem (a Libório:)

Já lá está.

LIBÓRIO (pousando o copo)

Ah! bem! (saudando)

Minha senhora!

ETELVINA (a meia voz)

Diante da criada, não. (alto)

Sai, Sebastiana.

BARNABÉ (pondo o prato sobre a jardineira)

Sim, minha senhora. (Sai pelo fundo levantando a terrina e os pratos servidos).

LIBÓRIO

Agora, se me dá licença... (faz menção de sair).

ETELVINA

Peço-lhe que se demore um momento... O meu fim não é fazer a tal cena das pazes, descanse. Mas, como não nos veremos mais é necessária a ultima explicação.

LIBÓRIO

De que serve isso?

ETELVINA

De mais a mais, sobra-lhe tempo para jantar aqui ou na estação. (Servindo-o)

Quer uma aza de perdigoto?

LIBÓRIO

O certo é que as emoções tem-me extenuado... Tomarei um pãozito; mas deixemo-nos de explicações, se faz favor... (Pega de um prato e pão e vai sentar-se à sua mesa, a comer).

ETELVINA (passados instantes)

Confesso que fui violenta, arrebatada; mas o senhor julga-se inocente?

LIBÓRIO

De modo nenhum. Eu pratiquei o enorme e condenável crime de me apresentar à senhora em forma de carta a participar um enterro. Confesso, contrito, a culpa. Se me levassem a uma polícia correcional e o juiz me perguntasse: «O Sr. Libório é réu?» Eu respondia: «Sou réu, Sr. juiz!»

ETELVINA

O senhor prestou-se a uma ridícula mistificação, uma fraude ultrajante, odiosa, só com o fim de dilacerar uma mulher.

LIBÓRIO

Não foi isso.

ETELVINA

Então que foi?

LIBÓRIO

O caso é este. Macário tinha-me dito o diabo a quatro da senhora. Ora eu tenho cá para mim que quanto mais mal se diz de uma mulher, mais se deseja ser amado dela. A alma do homem é assim formada de estupidez e capricho...

ETELVINA

Huum! (Depois de um curto silencio)

Quer beber? (Enche o copo).

LIBÓRIO (erguendo-se)

Agradeço (vai à jardineira)

Muito obrigado, querida senhora! (Bebe e volta a ir sentar-se, levando o copo).

E'ELVINA (tendo bebido)

Sempre o senhor me colocou numa situação bem esquisita! Eu julgava-o o assassino de Macário; e, nesta persuasão, o meu dever qual era? que me cumpria fazer?

LIBÓRIO

Mandar chamar o chefe da polícia.

E'ELVINA

Eu conheço lá policia...

LIBÓRIO

Em vez disso, pensou lá consigo: «Como é um celerado, caso com ele. Se o metesse na Relação, ele poderia fugir vestido de mulher; mas, casando com ele, é o mesmo que pô-lo na Penitenciaria, donde não

se foge facilmente.

ETELVINA (erguendo-se e vindo ao meio)

E isso é tão verdade que o senhor goza a liberdade de retirar-se quando quiser.

LIBÓRIO

Mas pergunto eu: tenho liberdade para oferecer a outra o nome que lhe dei? Posso mentir, enganar... e mais nada. Com toda a certeza, hei de esquecê-la; mas levar tempo... Não me finjo mais forte do que sou... Esta manhã ainda eu a amava... Como os homens são, senhora!... As mulheres, às vezes, agradam pelos seus defeitos... e a senhora estava na conta. A senhora chorava de raiva; e eu ao deixá-la, chorava imbecilmente de saudade... de amor! (Ergue-se)

Estúpida confissão, mas verdadeira!... (Passa à esquerda)

Ah! Como os homens são bestas! Graças vos sejam dadas, Senhor! Isto acabou-se! (Etelvina, sem lhe responder, corre à janela que abre).

ETELVINA (atirando dinheiro à rua)

Cocheiro, aí tem 10 tostões; vá-se embora.

LIBÓRIO

Como é isso? ele é o meu cocheiro.

ETELVINA

Libório! eu amo-te!

LIBÓRIO

Como?

ETELVINA

Tu não te vais embora!

LIBÓRIO

Não vou?...

ETELVINA

Peço-te perdão, peço-to de joelhos! (ajoelha).

LIBÓRIO (ajoelhando-se também)

Tu... de joelhos!

ETELVINA

Confesso que fui injusta.

LIBÓRIO

Sim... a falar verdade... mas não...

ETELVINA

Perdoa-me!

LIBÓRIO

Perdoo... E o pé torcido? Destorceu-se?

ETELVINA

Estou boa de todo.

LIBÓRIO

Minha esposa!

ETELVINA

Meu marido! (abraçam-se sem se levantarem).

CENA XIII

Libório, Etelvina, Barnabé e Sebastiana

BARNABÉ (entra pelo fundo e recua)

Eles lá se estão a trincar um ao outro!

LIBÓRIO (erguendo-se)

Está enganado... não nos trincamos.

ETELVINA (o mesmo)

Meu pai, eu adoro o meu marido!

BARNABÉ

Ora ainda bem!

LIBÓRIO

Aqui entre nós, eu creio que ela está de todo desmiuçada.

BARNABÉ

Antes isso, meus filhos, antes isso... Eu vinha anunciar-lhes que me instalei definitivamente no Candal.

BARNABÉ (a Libório)

Meu senhor, a sege foi-se embora. Quer que se chame outra?

LIBÓRIO

Só se for para meu sogro que se muda, acho eu...

BARNABÉ

Efetivamente mudo para sermos todos felizes de uma assentada. Gosto do Candal. Tenho lá para me entreter o castelo do rei mouro, os armazéns de Vila Nova. Nos armazéns... oh! isso lá é que há fontes sem ser moiras; fontes cristãs... cristãs talvez de mais, por serem muito batizadas... E depois a serra do Pilar, lugares históricos, etc. Vocês cá ficam muito felizes...

ETELVINA

Sim, meu pai, muito felizes... (abraça estremecidamente o marido).

LIBÓRIO (com ternura)

Então, esta noite, não me penduras a bota nem escondes o chinelo?

ETELVINA (com meiguice)

Não.

LIBÓRIO

Nem torces um pé?

ETELVINA

Também não...

BARNABÉ

Bem! Regalem-se por cá. Lua de mel à portuguesa... e nada de México...

FIM